PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

Sobre a Felicidade
Sobre o Amor

Tradução
José Maria Cabral Ferreira, s.j.

Título original
Sur le bonheur. Sur l'amour

Autor
Pierre Teilhard de Chardin

© Éditions du Seuil, 2008
© Edições Tenacitas, 2008

Tradução
José Maria Cabral Ferreira, s.j.

Revisão
Inês Pereira Coutinho

Edição e distribuição
Edições Tenacitas | Rua Bartolomeu Dias, 23 /3030-041 Coimbra
Fax: 239 780 113 | geral@tenacitas.pt | www.tenacitas.pt

Imagem da capa: Chagall, *Cântico dos Cânticos 8,6:*
"Põe-me como selo no teu coração, como selo nos teus braços"

Grafismo: Atelier Mam Design/Madalena Azevedo Mendes
Execução Gráfica: Imprenta Kadmos/Salamanca

Coimbra, Dezembro de 2008

ISBN: 978-972-8758-57-8
Depósito Legal: 285875/08

Índice

Nota breve para começar 7
Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

Testemunho de um casal 9
Marta e *Augusto-Pedro Lopes Cardoso*

Sobre a Felicidade 11

Sobre o Amor 57

Nota breve para começar

Vasco Pinto de Magalhães, s.j.

– Qual é a originalidade deste livrinho?

– Sem dar qualquer receita de sucesso ajuda a entender, em profundidade, a condição humana: dinâmica, não separada do universo, em caminho de evolução para formas mais complexas de unidade, atraída pelo *ser cada vez mais* Pessoal.

Pierre Teilhard de Chardin ajuda a corrigir duas grandes tentações sempre presentes na história da humanidade: a visão estática e dualista do Mundo. Todos os horizontes se abrem quando se entende a realidade como um processo de Evolução, por um lado, e, por outro, de uma unificação que não elimina as diferenças. Antes, as aproveita e exalta.

Esse processo tem especial sabor nas relações entre Ciência e Fé. O autor mostrou-o nos seus escritos e na sua vida (1881-1955). Reconhecido cientista, em particular no campo da Paleontologia, era um crente desassombrado, padre jesuíta, que soube sofrer muitas incompreensões para se

manter fiel a esse duplo desafio. Afinal, fé e ciência estimulam-se mutuamente.

Aqui se reúne um conjunto variado de textos: reflexões, discursos de casamento, uma história de alpinistas, extractos de ensaios mais extensos. Oferecem um todo coerente, teórico-prático, sobre a Felicidade e o Amor, assentando, fundamentalmente, em três princípios: visão original dos dinamismos transversais a toda a realidade, em todo o tempo:

1. Uma lei universal de atracção, energia cósmica que a um dado passo da evolução chamamos *amor*, mas que já está presente nas partículas mais ínfimas da Matéria.
2. Uma tal energia-amor de convergência que unifica sem massificar. Antes, diferencia; tornando cada elemento mais ele próprio e, por fim, personalizando.
3. Impõe-se, pois, à razão e ao coração, a existência de um terceiro Centro de atracção (também *Pessoal*, mas para além do *eu* e do *eu-tu*) que conduz e explica a corência da evolução. E, não deixando que nada se fique por um estádio de passagem, torna real o ideal e possibilita a Felicidade como um *ir mais além* de si mesmo e das gratificações imediatas, mas enganadoras.

Prefácio

Testemunho de um casal

Marta e *Augusto-Pedro Lopes Cardoso*

Sobre a felicidade

Resiste ao tempo o que é verdadeiro. Nos escombros da guerra, Teilhard de Chardin sugere caminhos de felicidade, actuais e claros, em nada iguais a tantos outros que hoje, mais do que nunca, nos são prometidos. Fala-nos do homem que desiste, do que não faz, e do que sonha e luta pelo que acredita. Fala-nos do que deles temos e da atitude perante a vida, para que nela saibamos encontrar sentido. De quem se conhece, de quem abraça o outro e se deixa guiar pela missão que aprende ser a sua. Fala-nos ainda do casamento, como caminho, como vocação do homem e da mulher que, na sua entrega, se encontram ainda mais a si próprios. Fala-nos assim de caminhos e... desperta em nós anseios de peregrino...

Sobre o amor

Sonhar de perto, o que se sente longe. Tomar a vida nas mãos, com elas fazendo um só barro, mo-

delando, ao de leve, sem alisar, deixando às imperfeições o cuidado de lembrar que, sendo comum, o destino é de cada um. Não se esgotar no egoísmo a dois, mas alargar horizontes, crescer numa paixão por um ideal comum. Seguir Cristo. E deixar espaço para abraçar, os filhos e quem mais for precisando, de um afago ou de um costume brando. Coisa linda essa de acreditar que dando ao outro o alento, dele receberemos o respirar que, para cada um de nós, será alento. Até, ainda, razão para, lá fora, encontrar um irmão. E casar, deixando florir cada flor com sua cor. Assim amando. Para ser feliz.

> «... A verdadeira união diferencia-nos na exacta medida em que nos aproxima...»

Disso nos fala o livro.
E Teilhard de Chardin através dele.
Nós, em tudo, acreditamos.

Sobre a Felicidade

Reflexões sobre a Felicidade

Do mesmo modo que no mundo da matéria mecanizada todos os corpos obedecem às leis duma gravitação universal, assim também no mundo da matéria vitalizada todos os seres organizados, mesmo os mais inferiores, se orientam e deslocam na direcção que lhes traz maior bem-estar.

Tratar da felicidade deveria ser a mais fácil tarefa para um conferencista. Vivente, falando a viventes, não terá ele a segurança de se dirigir apenas a convictos e iniciados?

Bem mais delicada e complexa se revela, na prática, a tarefa a que me abalanço aqui, perante vós. Sem dúvida, como todos os outros seres inanimados, também o homem deseja essencialmente ser feliz. Mas esta sua exigência fundamental toma nele uma forma complicada e nova. O Homem, com efeito, não é somente um vivente mais sensível e mais vibrante que os outros. Pela sua «hominização» tornou-se um vivente reflectido e crítico.

Ora este dom da reflexão arrasta consigo duas propriedades temíveis: refiro-me à percepção do

possível e à percepção do futuro – duplo poder cuja aparição basta para lançar a perturbação e a dispersão no curso ascendente, até então tão límpido e coerente, da Vida.

Percepção do possível e percepção do futuro – uma e outra conjugadas para tornar inexauríveis e para dispersar, em todos os sentidos, tanto os nossos temores como as nossas esperanças... Lá onde o animal não parecia encontrar dificuldades em avançar, infalivelmente, em direcção ao que o satisfaz, o Homem, esse, vê, a cada passo e em cada direcção, um problema, para o qual, desde que é Homem, nunca deixou de procurar, sem sucesso, uma solução definitiva e universal.

"De vita beata" – da vida feliz... como diziam os Antigos. Mas o que é a felicidade?

Sobre esse assunto os livros, as pesquisas, as experiências individuais e colectivas sucedem-se, pateticamente, desde há séculos, sem jamais chegar a uma opinião unânime. E ao fim e ao cabo, para muitos de nós, a conclusão prática de todos estes debates é que é inútil procurar mais! O problema é insolúvel: não há verdadeira felicidade neste mundo; ou então ele admite uma infinidade de soluções particulares – na prática: uma questão indeterminada.

Ser feliz é assunto de apreciação pessoal: tu gostas de vinho e da boa mesa; eu prefiro os automóveis, a poesia ou a beneficência. "A cada um

seus gostos, a cada um a sua oportunidade". É isto que, de certeza, já ouvimos muitas vezes. Eis, provavelmente, o que pensa a maioria.

É directamente contra tal cepticismo, relativista e finalmente pessimista, dos nossos contemporâneos, que me proponho caminhar, nesta ocasião, mostrando que, mesmo para o Homem, a direcção geral da felicidade não é, de todo, tão equívoca como se diz – desde que limitando a nossa pesquisa à procura das alegrias essenciais, nos apoiemos nos ensinamentos da Ciência e da Biologia.

E, já que não posso, infelizmente, dar-vos a felicidade, possa ao menos ajudar-vos a encontrá-la!

Duas partes compõem esta exposição:

– Na primeira, predominantemente teórica, procuraremos definir, juntos, o melhor caminho para a felicidade humana.

– Na segunda, à maneira de conclusão, perguntar-nos-emos como conformar as nossas vidas individuais segundo esses eixos gerais de beatitude.

1.
Os eixos teóricos da Felicidade

A – A origem teórica do problema: três atitudes diferentes, face à vida

A fim de melhor compreender como se põe, para nós, o problema da felicidade, e por quê, perante ele, somos levados a hesitar, é indispensável, para começar, um olhar global, quer dizer distinguir três atitudes iniciais, fundamentais, adoptadas *de facto*, pelos homens, face à vida.

Deixemo-nos guiar pela seguinte comparação.

Imaginemos uns excursionistas lançados à escalada dum cume difícil; e consideremos o grupo, algumas horas depois da partida. Nesse momento podemos imaginar a equipa dividida em três tipos de elementos.

Há os que lamentam ter deixado o albergue. A fadiga, os perigos, parecem-lhes desproporcionados para o interesse do sucesso. E decidem voltar para trás.

Outros não lamentam a partida. O sol brilha, a vida é bela!...mas por quê subir mais?

Não é melhor gozar da montanha, aqui onde se está, em prado aberto ou pleno bosque?

E vá de se estender na relva ou então explorar os arredores, à espera da hora do pic-nic.

Outros, finalmente, os verdadeiros alpinistas, não despegam os olhos dos cumes que se tinham jurado atingir. E retomam a escalada.

Os cansados – os de boa vida! – os ardorosos.

Três tipos de Homens que cada um de nós leva em germe dentro de si – e entre os quais, na verdade, se divide desde sempre a Humanidade que nos rodeia.

1. Os cansados (ou pessimistas), em primeiro lugar

Para esta primeira categoria de homens a existência é um erro ou um falhanço.

Começámos mal – e trata-se, consequentemente, de nos safarmos, o mais habilmente possível. Levada ao extremo e sistematizada em sábia doutrina, esta atitude vai parar a uma sabedoria de tipo indú, para quem o Universo é uma ilusão e uma prisão, ou a um pessimismo "schopenhauriano". Mas esta mesma disposição, de forma atenuada e comum, aparece e desmascara-se numa multidão de juízos práticos que todos conhecem bem. "Para quê procurar?... Porque não deixar os

selvagens na sua selvajaria, e os ignorantes na sua ignorância? Para quê a Ciência, para quê a máquina? Não estamos nós muito melhor deitados que de pé? Mortos que deitados?"

Tudo isto equivale a dizer, pelo menos implicitamente, que melhor é ser pouco que muito, e melhor ainda não ser nada!

2. Vêm depois os gozadores

Para os homens desta segunda espécie, mais vale, certamente, ser do que não ser. Mas atenção: "ser", para os discípulos desta escola, não é agir mas sim encher-se do instante presente. Gozar ciosamente de cada momento e cada coisa, sem perder migalha – e sobretudo sem se preocupar em mudar de atitude: nisto consiste a sabedoria! E, se o fastio nos chega, a saciedade, a receita, é rebolar na relva e distender as pernas: isto basta para alterar a perspectiva. E, ao agir assim, continuaremos a descer. Mas quanto ao futuro e em seu favor – não se corra qualquer risco, a menos que, por um excesso de refinamento, se aprecie a intoxicação do risco e seu prazer, seja para provar o frenesim da ousadia ou sentir o arrepio do medo.

Assim representamos, de modo simplista, o antigo hedonismo pagão, da escola de Epicuro. Esta, em todo o caso e ainda bem recentemente, nos círculos literários, a tendência dum Paul Morand ou

a dum Henri de Montherlant – ou, de modo muito mais subtil, a de um Gide (o de *Nourritures Terrestres*), para quem o ideal de vida é beber sem nunca apagar a sede (antes aumentando-a sempre) – sem a menor intenção de retomar forças, mas cuidando apenas em estar pronto, com avidez sempre crescente a inclinar-se para qualquer nova fonte.

3. E finalmente os valentes

Aqueles, em suma, para quem viver é uma ascensão e uma descoberta. E mais: para os homens que integram esta categoria, vale mais ser do que não ser, e além disso é sempre possível, – e só isso interessa – tornar-se mais!

Aos olhos destes conquistadores, apaixonados por aventuras, o ser é inesgotável – não à maneira de Gide, como uma jóia de inumeráveis facetas, que se pode revolver em todos os sentidos, sem nos cansar – mas como um foco de calor e de luz, do qual é possível aproximar-nos sempre mais! – Podemos troçar de tais homens, chamar-lhes ingénuos, achá-los maçadores. Mas, ao fim e ao cabo, são eles que nos fizeram, e é deles que virá a surgir a Terra de amanhã.

Pessimismo e regresso ao Passado; fruição do momento presente; ímpeto lançado para o Futuro. Três atitudes fundamentais, como já o sublinhei,

face à Vida. Daqui se seguem, inevitavelmente – o que nos recentra no âmago do nosso tema – três formas opostas de felicidade em presença.

a) Felicidade pela tranqüilidade, em primeiro lugar. Sem aborrecimentos, sem riscos, sem esforços. Diminuamos os contactos, restrinjamos as necessidades, baixemos as luzes, endureçamos a pele, recolhamos à concha.

– O homem feliz será o que menos pensar, sentir e desejar.

b) Felicidade pelo prazer, a seguir. Prazer imóvel, ou melhor, prazer incessantemente renovado. O fim da vida não é agir ou criar, mas tirar partido. Portanto, quanto menos esforço melhor ou apenas o esforço necessário para mudar de taça e de licor. Abandonar-se o mais possível, como a folha aos raios de sol – variar a posição a cada instante, para melhor sentir: eis a receita da felicidade. – O homem feliz é aquele que mais e melhor souber saborear o instante.

c) Felicidade pelo crescimento, finalmente. Deste último ponto de vista, a felicidade não existe nem vale por si mesma, como objecto que possamos perseguir e agarrar; ela é apenas o sinal, o efeito e como que a recompensa, da acção convenientemente dirigida. "Um subproduto do esforço",

diz algures Aldous Huxley. Não basta, pois, como o pretende o hedonismo moderno, renovar-se de qualquer maneira. Nenhuma mudança traz felicidade, se não actuar *em ascensão.* – O homem feliz é aquele que, sem buscar directamente a felicidade, encontra, inevitavelmente e por acréscimo, a alegria, no acto de atingir a plenitude, de avançar para o máximo de si mesmo.

Felicidade de tranquilidade, felicidade de prazer, felicidade pelo desenvolvimento. Entre estas três linhas de caminhada a Vida, ao nível do Homem, hesita e divide a sua corrente, ante os nossos olhos. Para motivar a nossa escolha não se tratará, senão – como tanto ouvimos repetir – duma preferência individual de gosto e temperamento?

Ou poderemos nós encontrar, em algum lado, uma razão, indiscutível porque objectiva, para decidir que uma destas nossas três vias é absolutamente a melhor, e por consequência, a única que pode autenticamente tornar-nos felizes?

B – A resposta dos factos

1. Solução geral: caminhando para a maior Consciência

Estou absolutamente convencido, pela minha parte, que um tal critério, indiscutível e objectivo,

existe, de nenhum modo misterioso e escondido, mas exposto aos olhos de todos; e afirmo que, para disso nos darmos conta, basta-nos olhar a Natureza à nossa volta, à luz das últimas conquistas da Física e da Biologia – quer dizer, à luz das nossas ideias novas sobre o grande fenómeno da Evolução.

Hoje, como sabeis, já ninguém o põe, seriamente, em dúvida. O Universo não é fixo "ontologicamente" – mas move-se, desde sempre, na profundidade da sua inteira massa, seguindo duas grandes correntes contrárias: uma arrastando a Matéria para estados de desagregação extrema; outra tendo como resultado a edificação de unidades orgânicas cujos tipos superiores, astronomicamente complexos, formam o que chamamos "o mundo vivo".

Isto dito, consideremos mais em particular, a segunda destas correntes, ou seja, a da Vida, à qual pertencemos. Durante um século inteiro os sábios, embora admitindo a realidade duma Evolução biológica, discutiram para saber se o movimento que nos conduz não é senão uma espécie de turbilhão circular fechado, ou se corresponde antes a uma *deriva* definida, conduzindo a fracção animada do Mundo para um qualquer estado superior determinado. Ora hoje é a segunda destas hipóteses que, na opinião quase generalizada, parece decididamente corresponder à realidade.

A Vida não se complexifica sem leis, como fruto dum acaso. Mas tomada tanto no seu conjunto como no pormenor dos seres organizados, progride metodicamente, irreversivelmente, para estados de consciência sempre mais elevados. De modo que a aparição final e recente do Homem sobre a Terra não é senão o resultado, regular e lógico, dum processo esboçado desde as origens do nosso planeta.

Historicamente a Vida (quer dizer, de facto, o Universo em si mesmo, tomado na sua parcela mais activa) é uma ascensão de Consciência. – Será que nos damos conta, imediatamente, da consequência directa desta proposição, sobre a nossa atitude e a nossa conduta interiores?

Dissertamos sem fim, dizia há pouco, sobre a melhor atitude a tomar, face às nossas vidas. Mas, ao fazê-lo, não seremos semelhantes ao viajante dum comboio rápido entre Paris e Marselha, que ainda perguntasse a si próprio se lhe convém mais ir para Norte ou para Sul? Discutimos... Mas para quê, se estamos embarcados e a decisão foi tomada e nos é alheia? Depois de 400 milhões de anos sobre a Terra (ou mais exactamente: desde sempre, no Universo) a imensa massa de seres de que somos parte, eleva-se tenazmente, incansavelmente, para mais liberdade, mais sensibilidade, mais visão interior: e perguntamo-nos ainda para onde havemos de ir?...

Na verdade, à luz das grandes leis cósmicas desvanece-se a sombra dos falsos problemas. Sob pena de contradição física (isto é, sob pena de negar tudo o que somos e tudo o que nos fez) não podemos senão adoptar, cada um para si, a escolha primordial, implicada no Mundo de que somos os elementos reflexivos. Recuar para menos ser, parar para gozar: estes dois gestos pelos quais procuraríamos navegar contra a corrente da onda universal aparecem-nos como impossibilidades absurdas.

Assim, à direita como à esquerda, fecham-se os caminhos e só nos resta aberta a saída em frente.

Cientificamente e objectivamente, a única resposta viável aos apelos da Vida é o caminhar no sentido do progresso. E na mesma linha, cientificamente e objectivamente, a única verdadeira felicidade é o que nós chamámos a felicidade de crescimento ou de movimento.

Queremos, pois, com o Mundo e como o Mundo, ser felizes? Deixemos os fatigados e os pessimistas ficarem para trás.... Deixemos os gozadores estenderem-se burguesmente na encosta... E juntemo-nos sem hesitações ao grupo dos que querem arriscar a ascensão até ao mais alto cume. Pr'a frente!...

Mas ter optado pela ascensão não é tudo. Importa ainda não se enganar nos atalhos... Bem está levantar-se para partir. Mas, para alcançar o cume na alegria, qual é o bom caminho?

Aqui, uma vez mais e para permanecermos em terreno sólido, observemos os modos da própria Natureza – interroguemos as ciências da Vida.

2. Solução detalhada: os três tempos da personalização

No mundo a vida eleva-se para sempre mais consciência e sempre maior complexidade – como se a complexificação crescente dos organismos tivesse como efeito aprofundar o centro do seu ser.

Ora, como é que se processa, de facto e em pormenor, esta marcha para uma mais alta unidade?

Para maior claridade e simplicidade, limitemo-nos ao caso do Homem – o Homem, o mais elevado psiquicamente, e, para nós, o mais conhecido, também, de todos os viventes.

Três fases, três passos, três movimentos sucessivos e conjugados se podem reconhecer e examinar, no processo da nossa unificação, quer dizer da nossa personalização. Para ser plenamente ele mesmo e vivente, o Homem deve: 1. centrar-se em si mesmo, 2. descentrar-se num "outro", 3. sobrecentrar-se num maior que ele.

Definamos e expliquemos, um atrás do outro, estes três movimentos para a frente, aos quais (dado que a felicidade – assim o decidimos – é um

efeito de crescimento) devem necessariamente corresponder três formas de chegar à felicidade.

1. *Centração,* primeiro. Não só física, mas intelectual e moralmente, o homem não é Homem senão com a condição de se cultivar. E não somente até à idade dos vinte anos!... Para sermos plenamente nós mesmos, temos, pois, de trabalhar a vida inteira na nossa própria organização, isto é, alcançarmos mais ordem e mais unidade nas nossas ideias, sentimentos e conduta. Todo o programa, aqui, todo o interesse (mas também todo o esforço!) da vida interior, com a sua inevitável deriva para objectos cada vez mais espirituais, cada vez mais elevados... Cada um de nós, durante esta primeira fase, tem que retomar e repetir por sua conta pessoal, o labor geral da Vida. Ser é, antes de mais, fazer-se e encontrar-se.

2. *Descentração,* depois. A tentação ou ilusão elementar que espreita, desde a nascença, o centro reflectido que cada um abriga no fundo de si mesmo, seria imaginar que para crescer precisa de isolar-se em si mesmo e prosseguir egoisticamente, dentro de si só, o trabalho original da sua realização: afastar-se dos outros ou tudo chamar a si mesmo. Ora não há apenas um homem sobre a Terra, há uma infinidade e não pode ser doutro modo. Este facto é uma evidência banal. E con-

tudo recolocada nas perspectivas gerais da física, assume uma importância capital, pois significa muito simplesmente que, por mais individualizados que sejam, por natureza, os seres pensantes, cada homem não representa mais que um átomo, ou se se prefere, uma grande molécula com todas as suas semelhantes, um sistema corpuscular definido, ao qual não pode escapar. Fisicamente, biologicamente, o Homem, como tudo o que existe na Natureza, é essencialmente plural. Ele corresponde a um "fenómeno de massa". Isto quer dizer, em primeira aproximação, que não podemos progredir, até ao limite de nós mesmos, sem sairmos de nós mesmos, unindo-nos aos outros, por forma a desenvolver por esta união um acréscimo de consciência – de acordo com a grande Lei da Complexidade. – Daí as urgências, daí o sentido profundo do amor que, sob todas as suas formas, nos move a associarmos o nosso centro individual com outros centros, escolhidos e privilegiados – o amor, cuja função e encanto consistem em completar-nos!

3. Finalmente, *sobre-centração*. Também isto, embora menos evidente, importa absolutamente compreender.

Para sermos plenamente nós mesmos – dizia – somos forçados a alargar a base do nosso ser, isto é, a acrescentarmos a nós próprios "algo de

Outro". Ora uma vez assumido um pequeno número de afeições privilegiadas, este movimento de expansão não se detém mais: aspira-nos, insensivelmente, cada vez mais próximos, para círculos de raio cada vez maior. Eis o que é particularmente manifesto no mundo de hoje: desde sempre, sem dúvida, que o Homem teve uma vaga consciência de pertencer a uma única grande Humanidade. Mas é apenas nas nossas gerações modernas que este sentido social confuso começa a tomar o seu real e completo significado. No decurso dos dez últimos milénios (período durante o qual a civilização se acelerou, bruscamente) os homens abandonaram-se, sem muito reflectir, às forças múltiplas, mais profundas que toda e qualquer guerra, que pouco a pouco os aproximavam uns dos outros. Ora neste momento abrem-se-nos os olhos e começamos a perceber duas coisas. A primeira é que no molde estreito e inextensível, representado pela superfície fechada da terra, sob a pressão duma população e sob a acção de ligações económicas que não cessam de se multiplicar, não formamos já senão um só corpo. E a segunda é que neste mesmo corpo, em consequência do estabelecimento gradual dum sistema uniforme e universal, de indústria e de ciência, os nossos pensamentos tendem, cada vez mais, a funcionar como as células dum mesmo cérebro. Que dizer senão que, se a transformação prosseguir a sua li-

nha natural, podemos prever o momento em que os homens saberão o que é, como que por um só e único coração, desejar, esperar, amar, todos em conjunto, a mesma coisa e ao mesmo tempo!

A humanidade de amanhã, – uma certa "super-Humanidade" muito mais consciente, mais poderosa e unânime que a nossa, sai já dos limbos do futuro e toma forma aos nossos olhos. E simultaneamente – voltarei ao assunto – no fundo de nós mesmos desperta o sentimento de que, para chegarmos ao fundo do que somos, não basta associar a nossa existência a uma dezena de outras existências, escolhidas entre mil das que nos rodeiam, mas que é preciso formar um todo com todas elas, simultaneamente.

Que concluir deste duplo fenómeno, externo e interno, senão isto: o que a vida afinal nos pede que façamos, para sermos, é incorporarmo-nos e subordinarmo-nos a uma Totalidade organizada, da qual não somos, cosmicamente, senão as parcelas conscientes. Um centro de ordem superior nos espera – e já aparece – não apenas ao nosso lado, mas mais *além* e *acima* de nós mesmos!

Não apenas, pois, o desenvolvimento de si mesmo, nem só dar-se a um outro igual a nós, mas mais ainda submeter e reconduzir a própria vida a Alguém maior que nós.

Dito doutro modo: ser, em primeiro lugar! Depois, amar! Finalmente, adorar!

Tais são as fases naturais da nossa personalização!

Três graus encadeados, como se vê, no movimento ascensional da Vida; e por consequência, também, três graus sobrepostos de felicidade, se a felicidade está, como já o reconhecemos, indissoluvelmente associada à acção de se elevar.

Felicidade de crescer, – felicidade de amar, – felicidade de adorar!

Eis, em última análise, a tríplice beatitude que a teoria nos permite prever, partindo das leis da Vida.

Ora qual é, a este respeito, o veredicto da experiência?

Experimentemos verificar – pelos factos e por medidas concretas – o acerto das nossas deduções.

Felicidade de crescer no fundo de si mesmo – em forças, em sensibilidade, em posse de si mesmo. Felicidade, também, de nos ligarmos uns aos outros, corpos e almas, feitos para se completarem e unirem.

Sobre a pureza e intensidade destas duas primeiras formas de alegria, é inútil insistir. No fundo há um acordo generalizado para as celebrar.

Mas quanto à felicidade de imergir e perder-se no futuro, num maior que eu... não estaremos aqui sonhando ou em plena especulação? Rejubilar com o que nos ultrapassa e com o que ainda

não podemos ver nem tocar... Quem, pois, senão alguns iluminados, se preocupa com semelhante coisa, no mundo positivista e materialista em que nos vemos mergulhados!

Quem se preocupa com isso?

Mas estai atentos ao que se passa à nossa volta!

Há meses, por ocasião duma reunião semelhante a esta, eu descrevia o caso do casal Curie – esse homem e essa mulher cuja felicidade consistiu em lançar-se numa aventura, a descoberta do rádio, na qual tinham consciência de que perder a vida era ganhá-la. Pois bem: quantos homens, ontem e hoje, seja mais modestamente, seja em modalidades diferentes, não foram possuídos ou não estão ainda hoje possuídos, até à morte pelo "Demónio da Investigação"? Ora tentem contar:

– os do Ártico e da Antártida: Nansen, André, Shackleton, Charcot e tantos outros.

– os da alta montanha: os conquistadores do Everest.

– os dos laboratórios perigosos: mortos por raios ou substâncias que manejavam – ou mortos por uma radiação atómica...

– os da conquista do ar: uma legião...

– os da conquista do Homem pelo Homem: os que arriscam ou efectivamente deram a sua vida por uma ideia.[1]

[1] «Sabeis que a minha vida é uma oblação, alegre e conscientemente oferecida, sem esperança egoísta de recompensa, ao Poder

Faça-se uma conta aproximada, repito. E isso feito, pegue-se, se existirem, nas notas ou cartas de tais homens, dos mais notáveis aos mais humildes de entre eles, – por exemplo dos pilotos do correio postal que, há vinte cinco anos, abriam através da América o acesso aéreo aos pensamentos e afectos humanos, ao preço de sucessivas vidas humanas. Que se lê nessas confidências? A alegria, uma alegria superior e profunda, – uma alegria poderosa: a alegria explosiva duma vida que encontrou, por fim, um espaço *interminável* para se expandir.

Alegria do Interminável – é isso!

O que mina e envenena, geralmente, a nossa felicidade, é sentir tão próximo o fim e o fundo de tudo o que nos atrai: sofrimento das separações e da usura, – angústia do tempo que passa, – terror perante a fragilidade dos bens possuídos, – decepção por se chegar tão depressa ao fim do que somos e do que amamos...

Para quem descobriu, num Ideal ou numa Causa, o segredo de colaborar e identificar-se, de mais perto ou de mais longe, com o Universo em progresso, todas estas sombras se dissipam. Refluindo – com o fim de as dilatar e as consolidar, e nunca para as diminuir ou destruir – para a alegria de ser e a alegria de amar (Curie, Termier, foram pais, amigos e esposos admiráveis) – a alegria

que está acima da Vida» (Rathenau)

de adorar comporta e traz na sua plenitude, uma maravilhosa paz. O objecto que a alimenta é inesgotável, porque se confunde, sempre mais próximo, com a própria consumação do mundo à nossa volta. Escapa, por este modo, a toda a ameaça de morte e corrupção. Enfim, dum modo ou doutro, está incessantemente ao nosso alcance, dado que a melhor maneira de o alcançarmos é, simplesmente, cada um no seu lugar, fazer aquilo que está ao seu alcance.

A alegria do elemento tornado consciente do Todo, que ele serve e no qual se realiza – a alegria bebida, pelo átomo consciente, do seu papel e da sua complementaridade, no seio do Universo que o leva – eis, de facto e de direito, a forma mais elevada e mais progressiva de felicidade que me é possível propor-vos e desejar-vos!

2.
As regras fundamentais da felicidade

Deixemos, agora, a teoria pura, e abordemos as suas aplicações às nossas vidas individuais.

A verdadeira felicidade, acabámos de o precisar, é uma felicidade de crescimento, e como tal espera-nos numa direcção determinada:

a) pela unificação de nós mesmos no coração de nós mesmos;

b) pela união do nosso ser com outros seres, iguais a nós;

c) pela subordinação da nossa vida a uma vida maior que a nossa.

Que resulta destas definições para a nossa conduta de cada dia? Como devemos agir, na prática, para sermos felizes?

Não me é possível, bem entendido, indicar, à vossa curiosidade e boa vontade, senão linhas extremamente gerais. Pois é aqui que aparecem, legitimamente, as múltiplas questões de gostos, oportunidades e temperamentos. A Vida não se estabelece nem progride, por natureza e estrutu-

ra, senão graças à imensa variedade dos seus elementos. Cada um de nós vê e aborda o mundo sob uma perspectiva particular, com uma reserva e matizes de vitalidade incomunicáveis (diversidade complementar que funda, seja dito de passagem, o valor biológico da "personalidade"). Cada um de nós, por isso, é o único a poder descobrir em última análise, para si mesmo, a atitude, o gesto inimitável que lhe darão o máximo de coerência, isto é, o estado de paz beatificante, com o Universo em marcha, em movimento, à sua roda.

Feitas estas reservas, resta dizer que é possível, de acordo com as perspectivas acima desenvolvidas, formular as seguintes três regras de felicidade:

1. Para ser feliz é preciso, em primeiro lugar, reagir contra a tendência para o menor esforço, que nos leva a ficar quietos, no mesmo lugar, ou então a procurar, de preferência na agitação exterior, a renovação das nossas vidas. Na riqueza e tangibilidade das realidades materiais que nos rodeiam, precisamos, sem dúvida, de lançar raízes profundas. Mas, para acabar, é no trabalho pela nossa perfeição interior – intelectual, artística, moral – que a felicidade nos espera. A coisa mais importante na vida, dizia Nansen, é encontrar-se a si mesmo. O espírito laboriosamente construído através e além da matéria – *Centração!*

2. Para ser feliz, em segundo lugar, é preciso reagir contra o egoísmo que nos empurra tanto a fechar-nos em nós mesmos quanto a reduzir os outros sob a nossa dominação. Há uma maneira de amar – estéril e má – pela qual procuramos possuir em vez de nos darmos. E é aqui que reaparece, no caso do casal ou do grupo, a lei do maior esforço, que já regulava a corrente interior do nosso desenvolvimento. O único amor verdadeiramente beatificante é aquele que se exprime por um progresso espiritual, realizado em comum. – *Descentração!*

3. E, finalmente, para ser feliz – perfeitamente feliz – precisamos, duma maneira ou doutra, directamente ou por mediações gradualmente sempre mais amplas (uma pesquisa, uma empresa, uma ideia, uma causa...) de transportar o interesse final das nossas existências para a caminhada e o êxito do Mundo à nossa roda. Como os Curie, como os Termier, como Nansen, como os primeiros aviadores, como todos os pioneiros de que acima falávamos, precisamos, para atingir a zona das grandes alegrias estáveis, de transferir o pólo da nossa existência para algo maior que nós. O que não supõe, – fiquem sossegados – que para ser felizes devêssemos praticar acções dignas de encómio, extraordinárias, mas simplesmente o que está ao alcance de todos nós, que – uma vez

conscientes da nossa solidariedade viva com Algo muito Grande – façamos com grandeza a mais modesta das coisas! Acrescentar um ponto só, por pequeno que ele seja, ao magnífico bordado da vida; discernir o Imenso que se faz e que nos atrai para o coração e para o termo das nossas mais ínfimas actividades; discernir e aderir: eis, contas feitas, o grande segredo da felicidade!

"É numa profunda e instintiva união com a corrente total da Vida que se encontra a maior de todas as alegrias", reconhecia o próprio Bertrand Russell, um dos espíritos mais agudos e menos espiritualistas da moderna Inglaterra. – *Sobrecentração!*–

Ora chegados a este ponto – que é a última palavra de quanto posso dizer-vos! – deixai-me acrescentar, a acabar, uma observação, que vos devo e que a mim mesmo a devo, para ser absolutamente verdadeiro.

Li recentemente um livro curioso[2] curioso em que o romancista e filósofo inglês Welles expõe os pontos de vista originais propostos por um americano, biologista e homem de negócios, William Burrough Steele, precisamente sobre a questão que aqui discutimos esta noite: a da felicidade humana!

[2] Welles, Anatomy of Frustration

Com muita razão e força, Steele procura estabelecer (precisamente como aqui o fiz) que, não sendo separável a felicidade de alguma idéia de imortalidade, o homem não pode ser perfeitamente feliz se não imergir os seus interesses e esperanças nos do próprio Mundo, e muito particularmente nos da Humanidade. E, contudo, acrescenta o mesmo autor, esta solução, em si mesma, permanece ainda incompleta. Porque, finalmente, para chegar a dar-se até ao fim, é preciso poder amar. Ora como amar uma realidade colectiva, impessoal – monstruosa, sob certos aspectos – como é o Mundo ou mesmo a Humanidade...?

A objecção que Steele encontra no fundo do seu coração e para a qual não tem resposta, é terrível e cruelmente injusta. Eu não seria, pois, completo nem sincero, se não vos chamasse a atenção para o facto de que o movimento inegável que leva a massa humana – ante os nossos próprios olhos – a pôr-se ao serviço do Progresso, não é autosuficiente; e ainda que este ímpeto terreno, para o qual vos convido, pede, para se manter, uma sintonia e uma síntese com o ardor cristão!

À nossa volta, a mística da Investigação, as místicas sociais, lançam-se com uma fé admirável, à conquista do futuro. Mas nenhum cume definido, e o que é mais grave, nenhum objecto "amável" se apresenta à sua adoração. E eis porquê, no fundo, o entusiasmo e as dedicações que

suscitam, são duros, secos, frios, tristes, ou seja: inquietantes, para quem os observa, e finalmente também, para aqueles que a eles acedem, incapazes de plena satisfação.

Ora ao lado e até aqui à margem destas místicas humanas, a mística cristã não cessa, desde há dois mil anos, de impulsionar cada vez mais as suas perspectivas de um Deus pessoal, não somente criador, mas animador e totalizador dum Universo que ele traz a si, pelo jogo de todas as forças que agrupamos sob o nome de Evolução. Sob o esforço persistente do pensamento cristão, a enormidade angustiante do Mundo converge pouco a pouco para o alto, até se transfigurar num foco de atraente energia!...

Como não ver, pergunto, que estas duas poderosas correntes, entre as quais se divide presentemente o impacto das energias religiosas humanas, a do Progresso humano e a da grande caridade, não aspiram senão a combinar-se e completar-se?

Imagine-se, por um lado, que o brotar juvenil das aspirações humanas, prodigiosamente acrescido pelas nossas novas concepções do Espaço, do Tempo, da Matéria e da Vida, passe para a seiva cristã, para a enriquecer e a estimular. E imaginemos, por outro lado e simultaneamente, que a figura tão moderna dum Cristo Universal, tal como a elabora neste mesmo momento a consciência cristã, vem colocar-se, radiosa, no cume dos nos-

sos sonhos de progresso, de modo a precisá-los, a humanizá-los, a personalizá-los. Não estaria aí uma resposta, "a" resposta completa, às dificuldades perante as quais se debate a nossa acção?

Por falta da infusão de um sangue material novo, o espiritualismo cristão corre o risco de se debilitar e perder-se nas nuvens. E por falta, ainda, da infusão de um qualquer princípio de amor universal é ainda maior a ameaça do sentido humano do Progresso se afastar, com horror, da aterradora máquina cósmica com a qual se descobre comprometido.

Juntemos o corpo à cabeça, a base ao cume; e, de repente, é uma plenitude que daí brota. Na verdade, a solução completa do problema da felicidade vejo-a na direcção dum Humanismo cristão, ou, se se prefere, na dum Cristianismo super-humano, no seio do qual cada homem compreenderá um dia que lhe é possível, a cada momento e em qualquer situação, não somente servir – o que não basta! – mas acarinhar em todas as coisas (nas mais doces e belas, como nas mais austeras e mais banais) um Universo carregado de amor na sua Evolução.[3]

[3] Conferência do P. Teilhard de Chardin, em Pequim, em 28 de Dezembro de 1943

Três discursos de casamento

Casamento de Odette Bacot
e de Jean Teilhard d'Eyry

Queridos Odete e João,

Vendo-vos aqui os dois, reunidos para sempre, não posso impedir-me (velho hábito profissional...) de lançar um olhar ao passado, sobre os dois caminhos – os vossos dois caminhos – que depois de, por tão longo tempo parecerem independentes um do outro, acabam repentinamente por convergir e dentro dum instante serão um só. E não vos espantareis, por certo, que, perante um encontro tão inesperado – e contudo tão longamente preparado! – eu me maravilhe e rejubile, como perante um belo êxito da vida!

O teu caminho, João, começou bem longe daqui, sob as pesadas nuvens dos trópicos, entre as planícies de arrozais, fechados pela silhueta azulada do Cabo de S.Tiago.

Não se requeria menos do que esta vigorosa mistura da fria Auvergne com o Extremo Oriente, para prolongar dignamente em ti uma mãe ousada e viajada, e ainda esse lendário "tio Jorge" cuja figura, desde a minha infância, eu contemplava admirativamente, de longe a longe, no salão um tanto sombrio e meio achinesado, da rua Savaron.

Por tradição e nascimento, és da Ásia. Eis porquê, periodicamente, a ela voltaste, para respirar.

Mas o que são essas viagens do coração e do espírito? Só tu o podes revelar, o plano das etapas e desvios por onde houve de passar o teu ser, antes de surgir o homem que tu és hoje. Em família, na Escola, em toda a parte, quantas influências, encontros, atracções, escolhas!...De que rede não estarão suspensas as nossas vidas!...

Enfim, através do labirinto instável das potências do interior e do exterior, eis-te chegado à descoberta da tua alma! Nesse lugar interior (bem mais que exterior!) onde a vida te levou, não irás tu encontrar-te sozinho e como que perdido? Pelos caminhos de terra e de pedra, empurram-se e apressam-se os Homens. Pelos ares as suas asas quase se roçam. Mas no espaço, mil vezes mais vasto e complicado do espírito, não estará, cada um de nós, quanto mais humano for (e por conseguinte único!), não estará ele condenado, pelo seu mesmo êxito, a errar, indefinidamente perdido?

Poderias temer, João, que ali, para onde tão numerosas possibilidades tinham acabado por empurrar a tua barca, nenhuma outra, por uma sorte ainda maior, viria a encontrar-se.

Eis senão quando, como nos contos de fadas, ali, precisamente, naquela região das almas onde parece impossível o encontro de dois seres, Odete faz a sua aparição e com toda a naturalidade. Entre alguns milhares de humanos, o encontro de dois olhares é já uma coincidência que tem o seu valor! Mas que dizer do encontro de dois espíritos!

Enquanto tu, João, cumprias o longo périplo pelo qual amadurecia em ti esse fundo essencial de todo o vivente que é o seu poder de amar, Odete, seguindo uma trajectória diferente mas por uma aproximação maravilhosamente ritmada, transpunha, um após outro, os ciclos cujo resultado aqui temos, hoje, patente, aos nossos olhos! Por família, também a Odete florescia numa estirpe radicada numa velha província de França, a Touraine, e não na Auvergne – ou seja, algo mais sorridente e mais doce! – tomando, para remate, esse acabamento insubstituível vindo da atmosfera de Paris. Com tudo isso aprendia, desde a infância, a venerar as Grandes Escolas e a ciência técnica das mais belas armas! Também a Odete encontrou, junto duma Mãe excepcional e num grupo de três crianças – onde não faltava sequer uma Jacqueline! – a educação amplamente aberta e solidamente cristã,

que tão maravilhosamente e tão harmoniosamente a fez desabrochar! E é assim – admirável simetria dos destinos! – que foi caminhando, gradualmente, sem o saber, ao encontro daquele que, na mesma ignorância, se aproximava de si!

Falei há pouco de conto de fadas. E que fada foi aquela que, sem jamais romper o seu fio, teceu, isoladamente mas por modo a juntarem-se tão perfeitamente no dia de hoje, a dupla rede da vossa vida?

Seria apenas a sorte, que às cegas operava este prodígio? Teremos efectivamente que nos resignarmos a crer que o preço das mais belas coisas à nossa volta provém, simplesmente, do que há de imprevisto, de raro, de frágil, na confluência dos elementos donde nos parecem derivar?

É verdade: o mundo parece-nos, por vezes, um imenso caos. É grande a sua confusão – tão grande que, a olharmos para nós mesmos, nos acontece sentir vertigens perante a existência! Perante tantas oportunidades adversas não é verdadeiramente inverosímil encontrarmo-nos aqui, vivos e reunidos – sós, ou, sobretudo, dois reunidos?

Perguntamo-nos então se a verdadeira sabedoria não consistirá em agarrar e esgotar, imediatamente e enquanto dura, a oportunidade oferecida. Não seria, na verdade, loucura, arriscar mais longe, no futuro, e esforçarmo-nos por uma vida improvável, pois mais elevada ainda?

Cada dia da minha existência desde há anos, João, vivi por necessidade de trabalho, face à inverosimilhança dos acontecimentos da vida. E eis que é ela, uma vez mais, essa inverosimilhança, que, no espectáculo da vossa felicidade, se patenteia aos meus olhos!

Pois bem: uma vez que me pediste para hoje te falar, deixa-me dizer-te qual é, depois dum longo confronto com a esplêndida realidade do mundo, a minha mais preciosa e profunda convicção. Impressionou-me, primeiramente – como a todos nós – aquela espécie de prioridade que para todos nós detêm, nos acontecimentos, o Inferior e o Passado. Mas depois, sob pena de nada mais compreender, nem em mim nem à minha roda, senti necessidade – mudando toda a perspectiva – de atribuir toda a supereminência ao Futuro e ao Maior!

Pois não – assim o julgo! – : o que faz a consistência do Universo, à nossa volta não é a aparente solidez dos materiais efémeros com que se constroem os corpos. Mas é a chama de organização que desde a origem atravessa o mundo e nele se propaga. O mundo apoia-se, com todo o seu peso, num centro situado à sua frente. Muito longe de serem frágeis e acidentais, são as almas – as potências das almas, as alianças das almas, e só elas, – que infalivelmente progridem e só elas hão de perdurar.

O que é imponderável no Mundo é mais do que aquilo que nele tocamos.

O que irradia dos seres é melhor que as suas carícias!

O que ainda não aconteceu é mais precioso do que o que já nasceu!

Eis a razão porque a palavra que neste momento vos quero dizer! – é esta:

«Se quereis – os dois! – corresponder ao apelo (melhor dito: à graça) que a Vida, animada por Deus, hoje vos dirige, apoiai-vos, sem duvidar, sem hesitar, na matéria tangível, que ela vos sirva de indispensável apoio; mas através dela, acima dela, acreditai no apoio intangível!»

Crede no espírito que vem de longe, isto é, na longa série de uniões semelhantes à vossa, que de geração em geração foram acumulando, para vo-lo transmitir, um tesouro de saúde, de sabedoria e liberdade. Este tesouro depositamo-lo hoje em vossas mãos: lembrai-vos que dele tomais plena responsabilidade, diante de Deus e do Universo.

Crede, também no espírito que vai à vossa frente. A criação nunca pára! A vida quer prolongar-se por meio de vós. Que a vossa união não seja, pois, um abraço fechado; mas que ela se realize no gesto, mil vezes mais unitivo que qualquer forma de repouso, do esforço que visa um mesmo fim, sempre maior e apaixonadamente amado.

E crede, então, (e esta palavra resume todas as

outras) no espírito entre vós. Um ao outro oferecidos como um campo sem fim de compreensão, de sensibilidade, de enriquecimento recíprocos. É, pois, e sobretudo, por uma intimidade e uma troca constante dos pensamentos, afeições, sonhos, oração, que haveis de encontrar-vos. Somente aí, como bem o sabeis, no espírito através da carne, desaparecem a saciedade, as decepções, os limites. Somente isso será, para o vosso amor, o ar livre, a grande realização.

Este Espírito, para o qual vos convido, não o sentis, neste momento, concentrado sobre vós, tenso, à vossa roda?

Tantas afeições reunidas, de parentes e amigos, desejos ardentes e tão puros, trazidos por qualquer meio subtil, de Auvergne, de Touraine, ou de Poitou, como também da Côte d'Argent; bênçãos enviadas por aqueles que deixámos de ver; e acima de tudo a imensa ternura d'Aquele que vê formar-se, com o vosso casal, mais um elo precioso da sua grande obra da União Criadora.

E por certo, mais que a pompa exterior e material que vos rodeia e festeja, as forças acumuladas duma benevolência invisível enchem esta igreja!

Que este ardor espiritual desça sobre o vosso amor nascente e o guarde para a vida eterna. Que assim seja!

14 de Junho de 1928

Casamento dos Senhor e Senhora
de la Goublaye de Ménorval

Meus Amigos,

No momento em que, nesta capela, vêm reunir-se as vossas vidas, não vejo nada mais apropriado nem mais precioso para vos oferecer do que um elogio da Unidade!

Unidade: expressão abstracta, talvez, na qual se comprazem os filósofos; mas qualidade bem concreta, sobretudo, com a qual sonhamos ornar as nossas obras e o mundo que nos rodeia.

Sobre a dispersão aparente dos elementos materiais, sobre os caprichosos movimentos da Natureza, sobre a irregularidade das cores e dos sons, sobre a agitação das massas humanas, sobre a indisciplina e as flutuações das nossas aspirações e dos nossos pensamentos, que buscamos, com os nossos melhores actos, senão fazer reinar sempre um pouco mais de unidade?

Ciência, Arte, Política, Moral, Pensamento, Mística: outras tantas formas diversas dum mesmo esforço de harmonização, no qual se exprime, mediante as nossas operações humanas, o destino e como que a essência do universo. Felicidade, poder, riqueza, sabedoria, santidade: outras tantos sinónimos duma vitória sobre o múltiplo! No mais fundo de todo o ser, a criação sonha com o Princípio que há-de um dia organizar os seus tesouros dispersos. Deus é unidade.

Ora por que gesto havemos de perseguir e atingir esta divina unidade?

Acaso seria afirmando-se cada um no centro do nosso pequeno mundo, como centro exclusivo de dominação e poderio? Consistirá a nossa felicidade em concentrar tudo o mais em nós mesmos? Será condição da nossa felicidade tornarmo-nos, cada um para si, o seu pequeno Deus?

A vossa dupla presença, neste lugar, prova quanto passou longe de vós esta ilusão do egoísmo. A concentração fechada do elemento sobre si mesmo (uma das mais perniciosas miragens encontradas pela Vida, despertando para a inteligência), não vos seduziu. Não é em cada um de nós – e vocês compreenderam-no – que o ser tem o seu pólo definitivo: ele representa, apenas, uma partícula destinada a mais altas sínteses. Não a unidade do isolamento, – o vosso exemplo o diz – mas a unidade de união!

Optastes pela unidade de união. E escolhestes bem!

Mas como, precisamente, pode ela atingir a sua perfeição em vós, essa unidade superior, prometida aos elementos que se perseguem no seio dum princípio comum que os reúne? Como sereis verdadeiramente um, sendo dois? É aqui que vindo ao ponto preciso que este discurso visaria

expor, eu responderia: «Não abrandando nunca o esforço de vos tornardes sempre mais vós mesmos dando-vos um ao outro!»

A união pode, graças à plenitude que ela traz, tomar as aparências dum termo e dum descanso; mas na realidade, ninguém mais do que ela participa da natureza incessantemente progressiva da vida. – A fim de se poderem encontrar é preciso, antes de mais, que os elementos preparem longamente em si mesmos os valores complementares que se podem associar. E quando eles, finalmente, se encontrem, não podem ainda atingir-se senão caminhando sempre mais além, na linha da sua própria realização. – A verdadeira união diferencia, na medida mesma em que aproxima! Ela é uma incessante descoberta e uma conquista continua.

Gosto de encontrar, caros amigos, nestas formulações um tanto rebuscadas, a explicação do vosso passado, e as promessas reservadas ao vosso futuro.

O vosso passado...

Olhando para si, querida Amiga, neste cenário de festa, poder-nos-ia acontecer, a nós, seus amigos, que tantas vezes a vimos inclinada sobre as rochas e os mapas, – nós que a seguimos em pensamento, nessas expedições distantes e perigosas –, poderia vir-nos, repito, o vago sentimento de que a sua vida entrou por uma bifurcação, e que se tornou uma outra mulher. – "Para quê,

então, ter conquistado isto, para finalmente vir a escolher aquilo?...". "Para quê, isto? – e a resposta inevitável é...– precisamente para preparar aquilo!" Cara amiga! Nunca se arrependa, (se por impossível hipótese ocorresse tal tentação!), nunca se arrependa das longas horas de laboratório, da lenta elaboração das volumosas dissertações, das duras travessias da savana malgache. No decurso de tais aventuras não era precisamente então que em si se desenvolvia a perfeita companheira daquele que, – ele também, não é verdade, meu caro Amigo? – pertence à raça dos trabalhadores e dos exploradores da terra? Foram necessários à Vida, minha Amiga, milhões de anos, para formar, sob a acção criadora, o coração e a inteligência que sua mãe lhe transmitiu. Eram ainda precisos todo o labor e todos os riscos da vossa primeira juventude para realizar em si um ser capaz de se dar.

E agora, cabe-me dizer, a mesma lei que impunha a vossa preparação (de um e do outro), separadamente, em ordem à união, espera ainda essa mesma realização, mas agora, um para o outro, na união. E que história será essa, a da vossa conquista mútua, jamais terminada?

Só Deus o sabe, Ele que vos vai abençoar!

Mas eu, o que vos posso assegurar, em nome de toda a experiência humana, é que a vossa felicidade depende do espaço que derem às vossas esperanças. Uma afeição estreitamente fechada

sobre si mesma abafa o corpo e o espírito. Para assegurar os contínuos progressos necessários à fecundidade da vossa união, é-vos necessário alargar ainda mais os horizontes que vos viram crescer.

Nunca sereis tão felizes quanto o desejam as nossas orações e os nossos votos, senão quando as vossas duas vidas se encontrarem e propagarem, aventurosamente debruçadas sobre o futuro, na paixão de Alguém maior que vós.

15 de Junho de 1935

Casamento de Christine Dresch e Claude-Marie Haardt

Minha querida Christine,
Meu querido Claude,

Decididamente a vida é cheia de estranhas coincidências, e, quem sabe, de misteriosas intenções... Quem diria, pelo Natal de 1932, quando eu atravessava, com Georges-Marie Haardt, os desertos da Ásia Central – quem diria que dezasseis anos mais tarde havia eu de vos dirigir estas palavras, no momento em que é a vossa vez de vos comprometerdes com uma outra grande aventura: a da reunião das vossas duas vidas! E já que a coincidência recobre, provavelmente, uma intenção

secreta do destino, porque não caberia também, a essa mesma intenção da realidade (...ou da Providência), que eu vos transmitisse aos dois – mas mais especialmente ao meu querido Claude – na presença da sua Mãe, a quem tanto deve – o aviso, a palavra de ordem, que o grande animador e grande viajante que foi o seu pai, nunca se cansou de nos dar pelo seu exemplo, ao longo das estradas da Ásia: «Olhai sempre para muito alto e para a frente!»

Travessias do Sará, da África, da China: estas diversas empresas tinham, (como toda a realidade viva) a sua sólida estrutura material. Visavam, cada uma, um resultado preciso, e cuidadosamente calculado. E contudo, para além de todo o objectivo económico, foi sempre em direcção a uma espécie de sonho pressentido que, guiada pelo seu chefe, a frota de camiões e lagartas navegava pelas areias. Para todos aqueles que tiveram a honra de neles participar, estes cruzeiros foram sempre um pouco, e assim ficaram para sempre na sua memória, como uma espécie de caminhadas ao luar...

Minha querida Christine,
Meu caro Claude,

Reproduzindo num campo diferente mas num espírito idêntico, o gesto paternal, é a vossa vez, agora, de entrar na vida, com os pés solidamente plantados na terra, mas de olhos voltados para o

que é maior e mais belo que vós mesmo. A tentação e a esterilização do amor, bem o sabeis, vem do ficar pelo descanso na posse: no egoísmo a dois! Para vos encontrardes, para verdadeiramente vos alcançardes, não busqueis outra via senão a duma forte paixão por um ideal comum. Entre os dois – e sobre este ponto é a estrutura mesma do mundo que vos impõe uma lei intangível – entre vós os dois, repito, nenhuma união é possível senão firmada em algum centro superior que vos reúna.

Seja esse centro e em breve uma criança! Mas que esse centro seja, em todo o caso, o interesse e a alegria de vos descobrirdes e completardes sempre um ao outro, de espírito e coração!

E que esse centro seja, sobretudo, duma maneira ou doutra (segundo o vosso modo próprio de ser) aquele Deus diante do Qual e no Qual ides, dentro de pouco, associar para sempre as vossas existências: – Deus, o único centro definitivo do Universo. – Deus, não convencional e distante, mas Deus, tal como Ele deve e quer manifestar-se incomunicavelmente a vós, sob condição de obedecerdes, até ao fim, à força interior que aqui, neste momento, age no sentido de vos aproximar.

21 Dezembro 1948

Sobre o Amor

1.

...O Amor é a mais universal, a mais formidável e a mais misteriosa das energias cósmicas. Na sequência de tentativas seculares, as instituições sociais balisaram-no e deram-lhe um quadro exterior de conduta. Utilizando esta situação os moralistas procuraram regulamentá-lo, sem de resto, ultrapassar, nas suas construções, o nível dum empirismo elementar, no qual permanecem influências de concepções antiquadas sobre a Matéria, e o rasto de antigos tabus.

Socialmente, finge-se ignorá-lo na ciência, nos negócios, nas assembleias, quando sub-repticiamente ele está em toda a parte. Imenso, ubíquo e sempre insubmisso – dá a impressão de que acabámos por desesperar de compreender e captar esta força selvagem. Daí, deixarmo-la – e sentirmo-la correr por toda a parte, sob a nossa civilização, pedindo-lhe apenas para nos divertir ou não maçar... Será então possível à humanidade continuar a viver e a crescer sem se interrogar

francamente sobre o que deixa perder, de força e de verdade, no seu incrível poder de amar?

Do ponto de vista da Evolução espiritual, aqui admitido, parece-nos possível dar um nome e um valor a esta estranha energia do Amor. Não será ela, muito simplesmente, na sua essência, a atracção mesma exercida sobre cada elemento consciente, pelo Centro, em formação, do Universo? O chamamento à Grande-União, cuja realização é o único processo, actualmente em curso, na Natureza?... – Nesta hipótese, segundo a qual (de acordo com os resultados da análise psicológica) o Amor seria a energia psíquica, primitiva e universal, não se tornaria tudo claro à nossa volta, para a inteligência como para a acção?

Podemos procurar reconstruir a história do Mundo, a partir do exterior, observando nos seus processos diversos, o jogo das combinações atómicas, moleculares ou celulares. Pode-se experimentar, ainda mais eficazmente, este mesmo trabalho, a partir do interior, seguindo os progressos gradualmente efectuados, e notando os limiares sucessivamente superados, pela espontaneidade consciente. A maneira mais expressiva e a mais profundamente verdadeira, de contar a Evolução universal seria, sem dúvida, retraçar a Evolução do Amor.

Nas suas formas mais primitivas, na Vida recém chegada à individualização, poder-se-ia

pensar que o Amor se distingue dificilmente das forças moleculares: reacções químicas, tácteis. Depois, pouco a pouco, desprende-se, mas para ficar ainda, por muito tempo, *confundido* com a simples função da reprodução!

É com a Hominização que se revela, por fim e somente, o segredo e as múltiplas virtudes da sua violência. O Amor " hominizado" distingue-se de qualquer outro amor, porque o "espectro" da sua cálida e penetrante luz se viu maravilhosamente enriquecido. Já não apenas a atracção única e periódica, ordenada à fecundidade material, mas uma possibilidade, sem limites nem repouso, de contacto pelo espírito, muito mais que pelo corpo: antenas infinitamente poderosas e subtis, que se procuram entre os delicados cambiantes da alma; atracção de sensibilização e de realização recíprocas, em que a preocupação de salvar a espécie se funde, gradualmente, com o mais dilatado êxtase de consumir, a dois, um Mundo. A caminho do Homem, através da Mulher, é na realidade o Universo que avança. Toda a questão – a questão vital para a Terra – é que eles se reconheçam.

Se o Homem não reconhece a verdadeira natureza, o verdadeiro objecto do seu amor, vem a desordem, irremediável e profunda. Encarniçado em saciar sobre uma realidade demasiado pequena uma paixão que se orienta para o Todo, ele irá forçosamente preencher, pela materialidade ou a

multiplicidade sempre acrescidas das suas experiências, um desequilíbrio fundamental! Vãs tentativas, e aos olhos de quem entrevê o valor inestimável do "quantum espiritual" humano, horrorosa perda! Deixemos de lado – se assim o posso pedir – toda a impressão sentimental e todo o escândalo virtuoso! Mas olhemos, muito friamente, como biólogos ou engenheiros, a atmosfera incandescente das nossas grandes cidades à noite. Ali – e por toda a parte, afinal – a Terra dissipa continuamente, em pura perda, a sua mais maravilhosa potência! A Terra arde "ao ar livre". Que havemos de pensar de tanta energia perdida, numa só noite, para o Espírito da Terra?...

Que o Homem, em compensação, se aperceba da Realidade universal que brilha, espiritualmente, através da carne. Ele descobrirá, então, a razão do que até então desiludia e pervertia o seu poder de amar. A Mulher está perante ele como a atracção e o símbolo do Mundo. Ele não poderá abraçá-la senão crescendo, por sua vez, à medida do Mundo. E porque o Mundo vai sendo sempre maior e nunca acabado, e sempre precedendo-nos a nós todos – é numa conquista sem limites do Universo e de si mesmo que, para alcançar o seu amor, o Homem se encontra empenhado. Neste sentido o Homem não poderá alcançar a Mulher senão na União Universal consumada. O Amor é uma reserva sagrada de energia e como que o sangue mesmo da Evolução espiritual: eis o que nos revela, em primeiro lugar, o Sentido da Terra.[4]

[4] L'Esprit de la Terre, Oeuvres, t.6, p.40 a 42 (Éditions du Seuil)

2.

... A atracção mútua dos sexos é um facto tão fundamental que toda a explicação (biológica, filosófica ou religiosa...) do Mundo, que não acabe por lhe encontrar no seu edifício um lugar, *essencial por construção*, está virtualmente condenada. Fixar um tal lugar à sexualidade é particularmente fácil num sistema cósmico construído sobre a união. Mas requere-se defini-la claramente, quanto ao seu futuro como quanto ao seu passado. Quais são, pois, exactamente, o sentido e a essência do amor-paixão num Universo de tecido pessoal?

Sob as suas formas iniciais e até um ponto muito avançado na Vida, a sexualidade parece identificada com propagação. Os seres aproximam-se, a fim de prolongar não a si mesmos mas o que alcançaram. Tão íntima é esta relação entre casal e reprodução que filósofos como Bergson aí puderam ver um indicador de que a Vida existia mais do que os viventes; e que religiões tão com-

pletas como o Cristianismo, basearam nos filhos a quase totalidade do seu código moral.

Muito diferentemente, do ponto de vista onde nos conduziu a análise dum Cosmos de estrutura convergente, se revela a realidade. Que a sexualidade tenha tido primeiro, como função dominante, assegurar a conservação da espécie, não oferece quaisquer dúvidas, – enquanto não se tivesse estabelecido no Homem *o estatuto* de personalidade! Mas a partir do momento crítico da Hominização, um outro papel, mais essencial, foi restituído ao amor – papel do qual parece que começamos a apreender a importância: quero referir a síntese necessária dos dois princípios, masculino e feminino, na edificação da personalidade humana. Nenhum moralista como nenhum psicólogo duvidaram jamais que os dois cônjuges encontrassem uma complementaridade mútua no jogo da sua função reprodutora. Mas esta complementaridade nunca era olhada, até aqui, senão como efeito *secundário*, acessoriamente ligado ao fenómeno principal da geração.

Se não me engano, à nossa volta a importância dos factores tende, em conformidade com as leis do Universo pessoal, a alterar-se. O homem e a mulher são para os filhos, e por longo tempo ainda, enquanto a vida humana não tenha chegado à maturidade. Mas o homem e a mulher são um para o outro, cada vez mais e para sempre.

A fim de estabelecer a verdade desta perspectiva, não posso encontrar mais nem melhor do que recorrer ao único critério que guia o nosso caminho ao longo deste estudo, a saber, uma coerência tão perfeita quanto possível da teoria com um domínio mais vasto da realidade. Se o homem e a mulher fossem, por assim dizer, principalmente para o filho, então o papel e o poder do amor deveriam diminuir, à medida que se completa a individualidade humana, e que, por outro lado, a densidade da população se aproxima do seu ponto de saturação. Mas se o homem e a mulher são principalmente um para o outro, então concebemos que quanto mais se humanizam mais sentem por este simples facto, uma necessidade acrescida de se aproximarem. Ora é isto, e não aquilo, o que se verifica na experiência – e que é preciso explicar.

Na hipótese, aqui admitida, de um Universo em vias de personalização, o facto de que o amor cresça, em vez de diminuir, à medida que se hominiza, encontra muito naturalmente a sua interpretação – e a sua extrapolação. No indivíduo humano, dizíamos mais acima, a Evolução não vem posta em causa; mas ela vai mais longe, a caminho duma concentração mais perfeita, ligada a uma diferenciação ulterior, obtida, ela mesma, por união. Pois bem, diremos nós, a mulher é precisamente para o homem o termo susceptível de desencadear

este movimento para a frente. Pela mulher – e só por ela – o homem pode escapar ao isolamento no qual a sua própria perfeição se arriscaria a encerrá-lo. Deixa então de se poder dizer com rigor que a malha do Universo é, para a nossa experiência, a mónada pensante. A molécula humana completa já é, à nossa volta, um elemento mais sintético e à partida mais espiritualizado que a pessoa-indivíduo – ela é uma dualidade, compreendendo ao mesmo tempo masculino e feminino.

Aqui aparece, em toda a sua amplitude, o papel cósmico da sexualidade. E, simultaneamente, aqui se poderão compreender as regras que nos hão de guiar na conquista desta terrível energia na qual passa, a través de nós e em linha directa, a potência que faz convergir sobre si mesmo o Universo.

A primeira destas regras é que o amor, de acordo com as regras gerais da união criadora, serve a diferenciação espiritual dos dois seres que ele aproxima. Nem um nem outro se devem, mutuamente, absorver – nem muito menos devem os dois perder-se nos prazeres duma posse corporal que significaria a queda no plural e o regresso ao nada! Isto é a experiência corrente. Mas só se compreende bem nas perspectivas do Espírito-Matéria.

O amor é uma aventurosa conquista. Ele não subsiste nem se desenvolve – aliás como o próprio Universo – senão por uma perpétua descoberta. E

daí que só se amam legitimamente aqueles que a paixão conduz, a ambos, e a cada um pelo outro, até uma mais elevada posse do seu ser. Assim a gravidade das faltas contra o amor não consiste na ofensa de sabe-se lá qual pudor ou qual virtude! Consiste, sim, em desperdiçar, por negligência ou voluptuosidade, as reservas de personalização do Universo. É este desperdício que explica as desordens da "impureza". E é ele mesmo que, a um nível mais elevado dos desenvolvimentos da união, constitui a matéria duma alteração mais subtil do amor: refiro-me ao egoísmo a dois.

(...) Quando dois seres, entre os quais um grande amor é possível, se vêm a encontrar, no pulular da vida, tendem imediatamente a fecharem-se na ciosa posse da sua mútua realização. Sob o efeito da plenitude que os invade, procuram instintivamente fechar-se, um no outro, com exclusão de tudo o mais! E mesmo quando chegam a vencer a tentação voluptuosa da absorção e do repouso, procuram limitar à sua descoberta mútua as promessas de futuro, como se constituíssem um "Universo a dois".

Ora, depois de tudo o que dissemos sobre a estrutura provável do Espírito, é claro que este sonho não é senão uma perigosa ilusão. Em virtude do mesmo princípio que obrigava os elementos pessoais "simples" a completar-se no casal, este deve, por sua vez, prosseguir, para além de si mesmo, os

acabamentos que o seu crescimento requer. E isto de duas maneiras. Por um lado é preciso buscar fora outros agrupamentos da mesma ordem, aos quais se associem, com vista a melhor se centrarem (...) Por outro lado o Centro para o qual os dois amantes convergem, unindo-se, deve manifestar a sua personalidade justamente no íntimo do círculo onde desejariam isolar a sua união. Sem sair de si o casal não encontra o seu equilíbrio senão num terceiro, mais à frente. Que nome dar a este misterioso "intruso"?

Enquanto os elementos sexuados do Mundo não tinham atingido o estado de personalidade, a progenitura podia representar por si mesma a realidade em que se prolongavam, de algum modo, os autores da geração. Mas logo que o amor começou a contar, não apenas entre dois progenitores mas entre duas pessoas, então foi necessário descobrir, mais ou menos confusamente, para além dos mesmos amantes, o Termo final onde estariam, ao mesmo tempo, salvas e consumadas, não apenas a sua raça, mas a sua personalidade. E começa então a "queda para a frente" cujas peripécias fomos seguindo. Cada vez mais próximos, é mesmo preciso ir até ao fim do mundo! E finalmente é o Centro Total ele mesmo, bem mais que o filho, que aparece como necessário à consolidação do amor.

O amor é uma função com três termos: o homem, a mulher e Deus. Toda a sua perfeição e o

seu êxito estão ligados ao harmonioso equilíbrio desses três elementos.[5]

[5] *Esquisse d'un Univers personnel,* Oeuvres, t. 6, p. 91 à 95 (Éditions du Seuil)

3.

... Uma nobre paixão dá asas. Eis porque o melhor reagente para reconhecer em que medida um amor é elevado seria observar em que medida ele se desenvolve no sentido duma maior liberdade de espírito. Quanto mais espiritual é uma afeição menos absorvente é – e mais conduz à acção.

(...)

... o amor é o limiar dum outro Universo. Para além das vibrações que conhecemos, a íris dos seus cambiantes está ainda em pleno crescimento. Mas apesar do fascínio que sobre nós exercem os matizes inferiores é na direcção do "mais além", somente, que progride a criação da luz. É nessas zonas invisíveis e, por assim dizer, imateriais, que nos esperam as verdadeiras iniciações à unidade. *As profundidades que atribuímos à matéria não são mais que o reflexo das alturas do Espírito.*

Este ponto parece-nos decidido pela experiência e pelo pensamento humano.

(...)

... do ponto a que cheguei parece-me distinguir à minha volta as duas fases seguintes na transformação criadora do amor humano. No decurso duma primeira fase da Humanidade, o Homem e a Mulher, voltados para o dom físico e os cuidados da reprodução, desenvolvem gradualmente, em torno a este acto fundamental uma auréola crescente de trocas espirituais. Esta verdadeira coroa era, de início, uma franja imperceptível. Pouco a pouco é para ela que emigram a fecundidade e o mistério da união. E depois é, finalmente, em seu favor que o equilíbrio se rompe. Mas neste preciso momento o centro da união física, donde emanava a luz, revela-se impotente para aguentar novos crescimentos. O foco de atracção reprojecta-se, bruscamente, como que para o infinito e para frente. E para continuarem a apreenderem-se cada vez mais além, no espírito, os amantes têm de voltar costas ao corpo para prosseguirem em Deus. A virgindade situa-se na castidade como o pensamento na vida: através duma reversão ou dum ponto singular.

Bem entendido, uma tal transformação, à superfície da Terra, nunca poderá ser instantânea. Precisa-se, essencialmente, de Tempo. A água aquecida não se vaporiza inteira num só momento. A "fase líquida" e a "fase gasosa" coexistem largo tempo. Não pode ser doutro modo. Contudo, sob esta dualidade, não há senão um só acontecimento em curso, cujo sentido e dignidade se estendem a todo o conjunto. Assim, no momento presente, a união dos corpos mantém a sua necessidade e o seu valor para a raça humana. Mas a sua qualidade espiritual está, doravante, definida, pelo tipo de união mais elevada que ela alimenta, depois de a ter preparado. O amor está em vias de "mudança de estado" no seio da Noosfera.

E é nesta nova direcção que se prepara a passagem colectiva da Humanidade para Deus. Assim a imagino, a evolução da Castidade!

Teoricamente esta transformação do amor é possível. Basta, para realizar-se, que o apelo do centro *pessoal* divino seja sentido de maneira suficientemente forte para dominar a atracção natural, que tenderia a levar, antes de tempo, os pares de mónadas humanas a precipitarem-se, umas sobre as outras.

Na ordem prática, não mo escondo, a dificuldade da tentativa parece tão grande que tudo o que escrevi nestas páginas será taxado como ingenuidade ou loucura, por noventa por cento das pessoas. Não será experiência universal e conclusiva que os amores espirituais acabam sempre na lama? O homem é feito para caminhar sobre a terra...Voar? ... Alguém jamais teve essa ideia!...

Sim, alguns loucos tiveram, de facto, esse sonho, responderia eu. E é por isso que hoje o ar nos pertence! O que paralisa a vida é não acreditar e não ousar! O difícil não é resolver os problemas: é propô-los! Ora, como podemos ver: apoderar-se da paixão para fazê-la servir o espírito é, por evidência biológica, uma condição do progresso! Por isso, mais tarde ou mais cedo, atravessando a nossa incredulidade, o Mundo dará esse passo. Porque tudo o que é mais verdadeiro acaba por ser encontrado; e tudo o que é melhor acaba por acontecer!

Algum dia, depois do éter, dos ventos, das marés, da gravitação, nós captaremos, para Deus, as energias do amor. – E então, uma segunda vez na história do mundo, o Homem terá encontrado o Fogo![6]

[6] *L'Évolution de la Chasteté*, Inédito

4.

Que outra coisa poderei eu dizer, Senhor, senão que por toda a espessura e grandeza do Real, por todo o seu passado e todo o seu devir, por tudo o que suporto e tudo o que faço, pelas servidões, as iniciativas, e a obra mesma da minha vida, posso alcançar-vos, unir-me a Vós, e progredir indefinidamente nessa união!

O triplo sonho do amor, Vós o realizais, com inaudita plenitude, pela vossa Incarnação: – envolver-se com o Objecto Amado, até nele se afogar; – intensificar a sua presença, sem cessar; – e aí se perder, sem jamais poder saciar-se...

Que a substancial e mortificante influência de Cristo se expanda sempre mais em todos os seres, e daí desça sobre mim para me vivificar!...

Que o contacto temporário e circunscrito com as espécies sacramentais me introduza numa comunhão universal e perpétua com Cristo, a sua

vontade omni-agente, o seu Corpo místico ilimitado!...[7]

[7] *Le Prêtre, Écrits du temps de la Guerre: 1916-1919,* p.297 (Éditions Grasset).

5.

Quem eu chamo, como a todo e qualquer ser, com o grito da minha vida toda e com toda a minha paixão terrestre, é algo bem diferente de um meu semelhante, a quem querer bem: quero um Deus a Quem adorar!

Oh! Adorar, isto é, perder-se no insondável, mergulhar no inesgotável, pacificar-se no incorruptível, absorver-se na imensidão definida, oferecer-se ao Fogo e à Transparência, aniquilar-se, conscientemente e voluntariamente à medida que maior vai sendo em nós a consciência de si mesmo, dar-se a fundo ao que é sem fundo! Quem poderemos nós adorar?

Quanto mais o Homem se tornar homem mais será tomado pela necessidade, e uma necessidade sempre mais explícita, mais refinada, mais luxuosa, de adorar.

Oh Jesus, rasgai as nuvens com o vosso relâmpago! Mostrai-vos a nós como o Forte, o Deslumbrante, o Ressuscitado!

Sede para nós o Pantocrator que ocupava, nas velhas basílicas, a plena solidão das absides! Nada menos que essa Parousia poderá equilibrar e dominar nos nossos corações a glória do Mundo que se eleva. Para que convosco vençamos o Mundo, aparecei-nos envolto na Glória do mundo![8]

[8] *Le Milieu divin*, Oeuvres, t.4, p. 157-158 (Éditions du Seuil)

6.

... De há um século para cá fomos tocados, sem disso darmos grande conta, por uma notável transformação de ordem intelectual. Descobrir, saber, tinham sempre constituído uma tendência profunda da nossa natureza. Não a reconhecemos já presente no Homem das cavernas?

Mas foi apenas ontem, que esta necessidade essencial de conhecer se tornou explícita e alterada numa função vital autónoma, precedendo nas nossas existências a preocupação do comer e do beber. Pois bem: se não me engano este fenómeno de individualização das nossas mais elevadas funções psicológicas, não apenas está longe de ter atingido os seus limites, no terreno do pensamento puro, mas tende ainda a propagar-se para um território vizinho, praticamente informe e inexplorado: a "terra ignota" das potências afectivas e do amor.

Facto paradoxal, o amor (entendo aqui "amor" no sentido estrito de "paixão"), a despeito (ou tal-

vez, precisamente, por causa) da sua ubiquidade e da sua violência, foi até agora deixado de fora de toda a sistematização racional da Energia Humana. Empiricamente, as morais conseguiram, de algum modo, codificar o seu uso, relativamente à conservação material da raça humana. Mas quem sonhou, algum dia, seriamente, que sob esta potência perturbadora (e contudo animadora, como sabemos, dos génios, das artes e de toda a poesia) um formidável impulso criativo permanecia em reserva, – de tal forma que o Homem não seria Homem senão no dia em que o tivesse não amortecido, mas transformado, utilizado, libertado?... Hoje, para o nosso século ávido de não perder qualquer força e de assenhorear-se dos recursos mais íntimos da psicologia, parece que começa a fazer-se luz. O Amor, tal como o pensamento, está sempre em pleno crescimento na Noosfera. Torna-se cada dia mais flagrante, o excesso das suas energias crescentes, relativamente às necessidades, cada dia mais restritas, da propagação humana. Quer dizer que este amor tende, sob a sua forma plenamente hominizada, a preencher uma função muito mais ampla que o simples apelo à reprodução. Entre o homem e a mulher um poder específico e mútuo de sensibilização e de fecundação espiritual parece ainda dormitar, o qual procura libertar-se em ímpeto irresistível orientado para tudo o que é beleza e verdade.

Vai acordar. Desabrochar, diria eu, duma potência antiga. A expressão é porventura demasiado fraca. Para além dum certo grau de sublimação, de acordo com as possibilidades ilimitadas de intuição e interligação que traz consigo, o amor espiritualizado penetra o desconhecido e vai alcançar, ante os nossos olhos, no misterioso futuro, o esperado grupo das novas faculdades e consciências.

(...)

... A união, a verdadeira união que visa o alto, em espírito, leva a termo construir, na sua própria perfeição, os elementos que domina. *A união diferencia.* Em virtude deste princípio fundamental, as personalidades elementares podem afirmar-se, e não podem fazê-lo senão acedendo a uma unidade psíquica ou Alma mais elevada. Isto, contudo, com uma condição, é que o Centro superior para o qual convergem, sem se misturar, tenha ele mesmo a sua realidade autónoma. *Posto que não há nem fusão nem dissolução* das pessoas elementares, o Centro onde estas se reúnem *deve necessariamente ser distinto delas, ou seja, ter a sua personalidade própria.*

Donde, finalmente, para o Termo supremo para que tende a Energia Humana, a imagem seguinte: "Uma pluralidade organizada cujos elementos encontram, num paroxismo de união e de transparência mútua, a consumação da sua per-

sonalidade própria; encontrando-se, o Corpo inteiro, suspenso duma influência unificadora dum *Centro distinto* de superpersonalização".

Esta última condição ou restrição é de uma importância considerável. Ela significa, com efeito, que a Noosfera requer, fisicamente, para sua manutenção e funcionamento, a existência no Universo dum pólo real de convergência psíquica: Centro diferente de todos o centros, que ele "sobre-centra", assimilando-os; Pessoa distinta de todas as pessoas, que ele leva a termo, unindo-as a si.

O Mundo, não funcionaria se não existisse, algures, antes do tempo e do espaço, "um ponto cósmico Ómega" de síntese total!

A consideração deste ponto Ómega vai permitir-nos definir completamente, num último capítulo, a natureza secreta daquilo que até aqui chamámos, de modo bastante vago, "a Energia Humana".

O Amor, forma superior da energia humana

... Em nós e à nossa volta, pudemos concluir, os elementos do Mundo caminham sem cessar para uma maior personalização, por acesso a um termo, também pessoal, de unificação: de tal forma que deste último irradia, e para este mesmo Termo reflui, em definitivo, a Energia essencial do

Mundo, que, depois de ter agitado confusamente a massa cósmica, dela emerge para formar a Noosfera.

Que nome havemos de dar a uma tal espécie de influência?

Um só: o Amor.

O Amor é, por definição, a palavra de que nos servimos para designar as atracções de natureza pessoal. Posto que no Universo tornado pensante, tudo, afinal de contas, se move no e em direcção ao Pessoal, é forçosamente o Amor, uma espécie de amor, que forma e formará cada vez mais, em estado puro, o tecido da Energia Humana.

Será possível verificar *a posteriori* esta conclusão que nos é imposta *a priori* pelas condições de funcionamento e manutenção da actividade pensante à superfície da Terra?

Imagino que sim. E isto de duas maneiras diferentes:

Psicologicamente, primeiro, reparando que o amor levado a um certo grau universal pela percepção do Centro Ómega é a única potência capaz de totalizar, sem contradições internas, as possibilidades da acção humana.

Historicamente, depois, observando que um tal amor universal se apresenta, realmente, à nossa experiência, como o termo superior duma transformação já começada na massa da Noosfera.

Tentemos mostrá-lo.

1. O Amor, princípio totalizador da Energia humana

Aqueles mesmos que acolhem com mais cepticismo toda a sugestão que tenda a promover uma coordenação geral do Pensamento sobre a Terra são os primeiros a reconhecer e a deplorar o estado de divisão em que vegetam as forças humanas: poeira de actos no indivíduo, poeira de indivíduos na sociedade... Evidentemente – dizem – uma enorme potência se vê assim neutralizada e perdida, nesta agitação sem ordem...

Mas como será possível que tal cinza venha a encontrar coesão (?) estando já divididas, por natureza, as parcelas humanas, rejeitando-se umas às outras sem remédio... Podemos, talvez, forçá-las mecanicamente umas sobre as outras. Mas infundir-lhes uma alma comum é fisicamente irrealizável!

A força e a fraqueza de todas as objecções feitas à possibilidade de qualquer unificação ulterior do mundo parecem-me residir no facto de que avolumam insidiosamente as aparências, demasiado reais, sem ter em conta certos factores novos já perceptíveis na Humanidade. Os pluralistas raciocinam sempre como se nenhum princípio de ligação existisse, ou não tendesse a existir, na Natureza, fora das relações vagas ou superficiais, habitualmente consideradas pelo "senso comum"

e pela sociologia. No fundo trata-se de juridicistas e fixistas, que nada são capazes de imaginar, à sua volta, senão aquilo que lhes parece ter sempre existido.

Mas vejamos o que se vai passar no nosso espírito, no momento estabelecido pela marcha da Evolução, por pouco que aí venha a emergir, a percepção dum Centro animado de convergência universal.

Representemo-nos – e não se trata duma ficção, adiante o explicaremos – um homem tornado consciente das suas relações pessoais com um ser Pessoal supremo, ao qual ele é levado a juntar-se, pelo jogo das actividades cósmicas. Num tal sujeito e a partir dele mesmo, é inevitável que um processo de unificação se tenha iniciado, marcado, cada vez mais proximamente, pelas etapas seguintes: totalização de cada operação em relação ao indivíduo; totalização do indivíduo em relação a si mesmo; finalmente, totalização dos indivíduos no colectivo humano. – Todo este "impossível" realizando-se, naturalmente, sob a influência do amor.

a) Totalização, pelo amor, dos actos individuais

No estado dividido em que nos consideram os pluralistas (ou seja, fora da influência consciente do Ómega) não agimos habitualmente senão por

um ínfima parte de nós mesmos. Comendo ou bebendo, dedicado às matemáticas ou fazendo palavras cruzadas, o Homem não se compromete nas suas obras, senão parcialmente, mediante uma ou outra das suas faculdades. Os seus sentidos funcionam, ou os seus membros, ou a sua razão – mas não o coração. Acção humana, mas não acção do Homem todo, diriam os Escolásticos. Eis porquê um sábio, um pensador, depois duma vida de esforços sublimes, pode encontrar-se empobrecido, ressequido – desapontado: a sua inteligência trabalhou sobre objectos inanimados; mas não a sua pessoa. E ele deu-se: mas não foi capaz de amar!

Observemos agora as mesmas formas de actividade, à luz do Ómega. Ómega, aquele para quem tudo converge, é reciprocamente aquele de quem tudo irradia!

Impossível colocá-lo como facho no cume do Universo sem ao mesmo tempo difundir a sua presença no íntimo do mais ínfimo movimento da Evolução.

Que dizer, senão que, para aquele que o viu, tudo, por mais humilde que seja, e desde que colocado na linha do progresso, se inflama, se ilumina, se anima, e se torna depois objecto de adesão *total*!

O que era frio, morto, impessoal, para aquele que não vê, carrega-se, para aqueles que vêem, não somente de vida, mas duma vida mais forte que a

deles mesmos – de modo que se sentem tomados e assimilados, no seu agir, bem mais do que eles mesmos tomam e assimilam. Ali onde o primeiro não encontra senão um objecto de reacção limitada, os segundos podem expandir-se segundo a totalidade da sua potência – e amar apaixonadamente, como um contacto ou uma carícia, a mais obscura das suas tarefas. No mecanismo externo do seu operar, nenhuma mudança. Mas no tecido da mesma acção, que diferença! Toda a distância que vai, entre comer e comungar!

E este é o primeiro passo da totalização. No interior de um Mundo de estrutura pessoal convergente, onde a atracção se torna amor, o Homem descobre que pode dar-se sem limites a tudo o que faz. Com o universo, no mais ínfimo dos seus gestos, pode entrar em contacto integral, por toda a superfície e profundidade do seu ser. Tudo se lhe tornou alimento completo.

b) Totalização, pelo amor, do indivíduo sobre si mesmo

Que sob a influência animadora de Ómega cada um dos nossos gestos possa tornar-se "total" é já uma maravilhosa utilização da Energia Humana. Mas eis que, apenas esboçada, logo esta primeira transfiguração das nossas actividades

tende a prolongar-se numa outra metamorfose mais profunda. Pelo facto mesmo de se tornarem totais, cada uma para si mesma, as nossas operações vêem-se logicamente levadas a totalizar-se, tomadas todas em conjunto, num acto único.

Vejamos como.

No imediato, o efeito do amor universal, tornado possível por Ómega, é de emprestar a cada uma das nossas acções uma identidade profunda de interesse e de dom apaixonados. Qual vai ser a influência deste fundo comum (podíamos dizer: deste clima novo) sobre a nossa vida interior? Irá ele dissolver-nos no seu doce calor? Ou esbater numa atmosfera de miragem, a nitidez dos objectivos próximos? Ou ainda distrair-nos do individual tangível, para nos absorver num sentido confuso do Universal?... – Seria preciso, para o temer, esquecer, uma vez mais, que na direcção do espírito, a união diferencia. É exacto, sem dúvida, que se eu descobri o Ómega, todas as coisas se me tornam, de algum modo, uma e a mesma coisa; de modo que faça o que fizer, possa ter a impressão de fazer a mesma coisa. Mas esta unidade fundamental nada tem em comum com uma dissolução no homogéneo. Em primeiro lugar, muito longe de enfraquecer, ela acentua o relevo dos elementos que congrega: porque o Ómega, o único desejado, não se forma ante os nossos olhos e não se oferece ao nosso contacto, senão na perfeição dos

progressos elementares pelos quais se tece, experimentalmente, a Evolução.

Mas há mais. O amor não impregna somente o Universo, à maneira dum óleo que lhe avivasse as cores. Não se limita a ligar, numa transparência comum, a poeira opaca das nossas experiências. É uma verdadeira *síntese* que ele opera sobre o feixe reunido das nossas faculdades. E este é, em definitivo, o ponto que importa compreender bem.

No curso superficial das nossas existências ver ou pensar, compreender ou amar, dar ou receber, crescer ou diminuir, viver ou morrer, são coisas diferentes. Mas que será feito de todas estas oposições se, na realidade, em Ómega, toda essa diversidade se descobre como as modalidades infinitamente variadas dum mesmo contacto universal? Sem de modo algum se desvanecerem nas suas raízes, elas vão tender a combinar-se numa resultante comum, em que a sua pluralidade, sempre reconhecível, jorre numa inefável riqueza. De modo algum interferência – sim, ressonância! Porquê espantarmo-nos? Não conheceremos nós, porventura com um grau menor de intensidade, um fenómeno bem semelhante, na nossa experiência? Quando um homem ama dignamente uma mulher, com essa paixão vigorosa que exalta o ser acima de si mesmo, a vida desse homem, o seu poder de criar e de sentir, o seu Universo todo inteiro, encontram-se distintamente contidos e ao

mesmo tempo sublimados, no amor dessa mulher. E a mulher, contudo, por mais necessária que seja ao homem para lhe reflectir, lhe revelar, lhe comunicar e "personalizar" o Mundo, ainda não é o centro do Mundo!

Se, pois, o amor dum elemento pelo elemento se mostra de tal modo poderoso para fundir – sem a confundir – numa única impressão, a imensidão das nossas percepções e das nossas emoções, qual não será a vibração tirada aos nossos seres pelo seu encontro com Ómega?...

Na verdade cada um é chamado a responder com um harmónico puro e incomunicável, à Nota universal. Quando, pelo progresso, nos nossos corações, do Amor do Todo, sentirmos estender-se acima da diversidade dos nossos esforços e dos nossos desejos, a exuberante simplicidade de um impulso no qual se misturam e se exaltam, sem se perder, os inumeráveis cambiantes da paixão e da acção, é então que, no seio da massa formada pela Energia Humana, cada um de nós se aproximará da plenitude da nossa eficiência e da nossa personalidade.

c) Totalização, pelo amor, dos indivíduos na Humanidade

A passagem do individual ao colectivo é o problema actual e crucial da Energia Humana. E

é bem preciso reconhecer que os primeiros passos para uma solução não fazem senão aumentar a consciência que temos das suas dificuldades.

Por um lado, a rede sempre mais cerrada das relações económicas, junta a um certo e inegável determinismo biológico, empurram-nos ineluctavelmente, uns contra os outros. Por outro, no decurso desta compressão cremos sentir perder-se a parte mais preciosa de nós mesmos: a nossa espontaneidade e a nossa liberdade.

Totalitarismo e Personalismo: estas duas funções, contrariamente às previsões da teoria, variarão necessariamente em sentido inverso, uma da outra? E teremos nós que escolher, para construir o futuro (pois não podemos senão avançar) entre a Caribides dos colectivismos e a Cila dos anarquismos? Entre a simbiose que mecaniza e a dispersão que desvitaliza? Entre a termiteira e o movimento browniano?... Parece que o dilema, evidente, desde há muito, para os espíritos clarividentes, acaba de entrar, bruscamente, no campo da consciência pública. Não há revista, nem congresso, onde, de há um ano a esta parte, a questão não se veja agitada. Sem, porém, que os elementos para uma boa resposta sejam alguma vez claramente postos.

Na minha opinião, a razão dos perturbadores revezes sofridos desde há um século, pela humanidade, no seu esforço para se organizar, não deve buscar-se em qualquer impossibilidade da nature-

za, inerente à operação tentada, – mas sim no facto de as tentativas de agrupamento prosseguirem numa inversão da ordem natural dos factores da união entrevista. Eu explico-me:

Totalizar sem despersonalizar. Salvar, ao mesmo tempo, o conjunto e os elementos. Todos estão de acordo sobre este duplo fim a atingir. Mas como é que os agrupamentos sociais actuais (democratas, comunistas, fascistas) dispõem os valores que, em teoria, concordam em querer preservar?

Sempre considerando a pessoa como secundária e transitória, e pondo à cabeça dos programas o primado da pura totalidade. Em todos os sistemas de organização humana que se enfrentam, ante os nossos olhos, subentende-se que o estado final para o qual tende a Noosfera é um corpo sem alma individualizada, um organismo sem rosto, uma Humanidade difusa – um *Impessoal.*

Ora, uma vez admitido este ponto de partida, ele vicia, até torná-la impraticável, toda a caminhada subsequente da operação. Num processo de síntese, o carácter finalmente imprimido aos termos unificados, é necessariamente aquele mesmo que caracteriza o princípio activo da união. O cristal geometriza, a célula anima a matéria que dela se aproxima. Como é que, se o Universo tende finalmente a tornar-se *alguma coisa,* vai ele guardar em si o lugar para *alguém*? Se o cume da evolução humana for olhado como de natureza

impessoal, os elementos que o aceitam verão, inevitavelmente, apesar de todos os esforços contrários, decrescer, sob a sua influência, a sua própria personalidade. E é exactamente isto o que se passa. Servidores do progresso material ou entidades raciais bem se esforçam por emergir na liberdade: acabam fatalmente aspirados e assimilados pelos determinismos que constroem. Os seus próprios mecanismos os mecanizam! O verdadeiro Karma indú. – E, nesse momento, nada mais resta, para comandar as engrenagens da Energia Humana, senão o uso da força brutal – a força que, muito logicamente, desejariam que voltássemos hoje (em dia) a adorar.

Ora isto é uma traição feita ao Espírito, e, ao mesmo tempo, um erro grave, como técnica humana. Num sistema formado por elementos conscientes não pode haver coesão senão à base de imanência. Não a força acima de nós, mas o Amor, – e consequentemente, para começar, a existência reconhecida dum Ómega que torne possível um Amor universal.

O vício, já o dissemos, das ciências sociais modernas é apresentar uma Humanidade *impessoal* às ambições do esforço humano. Que aconteceria no dia em que, em vez desta divindade cega, reconhecêssemos a presença dum centro consciente de convergência total? Então por um determinismo inverso daquele contra o qual nos batemos, as

individualidades tomadas na corrente irresistível da totalização humana, sentir-se-iam reforçadas pelo movimento mesmo que as aproxima. Mais elas se agrupassem sob um Pessoal, mais se tornariam, forçosamente, elas mesmas, pessoais. E isto muito naturalmente, sem esforço, em virtude das propriedades do Amor.

Já insistimos várias vezes nesta verdade capital que "a união diferencia"! O Amor outra coisa não é senão a expressão concreta deste princípio metafísico. Imaginemos uma Terra em que os humanos estivessem antes de mais (e mesmo em certo sentido, unicamente) interessados em realizar o seu acesso global a um ser universal, apaixonadamente desejado, no qual cada um reconhecesse, no que há de mais incomunicável no seu próximo, uma viva participação. Num tal mundo, a coerção tornar-se-ia inútil para manter os indivíduos na ordem mais favorável à acção, – para os orientar, no seio duma livre concorrência, para melhores combinações – para os fazer aceitar as restrições e sacrifícios impostos por uma certa selecção humana, – para finalmente os decidir a não esbanjarem a sua capacidade de amar, mas a sublimá-la ciosamente, tendo em vista a união final. Nestas condições a Vida escaparia, por fim, (libertação suprema), à tirania das coerções materiais; e uma personalidade sempre mais livre construir-se-ia, sem contradição, no seio da Totalidade.

"Amai-vos uns aos outros!" Há dois mil anos que estas palavras foram pronunciadas. Mas hoje é com um tom muito diferente que soam de novo, aos nossos ouvidos. Durante séculos caridade e fraternidade não podiam ser-nos apresentadas senão como um código de perfeição moral, ou então como um método prático para diminuir desencontros e penas da vida terrestre. Ora, desde que se revelaram ao nosso espírito, seja a existência da Noosfera seja a necessidade vital em que nos encontramos de a salvar, essa voz torna-se mais imperiosa. Já não diz apenas: "Amai-vos para serdes perfeitos", mas acrescenta: "amai-vos ou morrereis". Os espíritos realistas podem, porventura, sorrir dos sonhadores que falam duma Humanidade cimentada e couraçada, mas não já pela brutalidade mas sim pelo amor. Podem, igualmente, negar que um máximo de potência física possa coincidir com um máximo de doçura e bondade. Este cepticismo e estas críticas não poderão impedir que a teoria e a experiência da Energia espiritual convirjam para nos advertir que chegámos a *um ponto decisivo da evolução humana*, em que somente a saída para a frente está na direcção duma paixão comum, duma "conspiração".

Continuar a pôr as nossas esperanças numa ordem social obtida pela violência externa, equivaleria, simplesmente, a abandonar toda a esperança de levar até aos seus limites o Espírito da Terra!

Ora, sendo a expressão dum movimento tão irresistível e infalível como o próprio Universo, a Energia Humana não poderá ser impedida por nenhum obstáculo, de atingir livremente o termo natural da sua evolução.

Aproximamo-nos, pois, necessariamente, apesar de todos os revezes e inverosimilhanças, duma idade nova em que o mundo rejeitará as suas cadeias, para se abandonar, por fim, ao poder das suas afinidades internas.

Ou temos que duvidar do valor de tudo o que nos rodeia, ou havemos de acreditar, sem limites, na possibilidade, e eu acrescentaria agora, nas consequências necessárias dum amor universal.

Quais são essas consequências?

Até aqui no estudo do amor-totalisador social da Energia humana, considerámos, sobretudo, a propriedade singular que ele possui de juntar e articular, sem as mecanizar, as moléculas pensantes da Noosfera. Mas isto não é senão a fachada negativa do fenómeno. Não somente o amor tem a virtude de unir sem despersonalizar, mas ele ultra-personaliza, unindo! Do cume que atingimos, que horizontes se perfilam diante de nós, no céu da Humanidade?

Aqui precisamos primeiro de recuar, para observarmos, no ponto em que o deixámos, cumprida a sua transformação pelo amor, o núcleo individual humano.

Sob a influência de Ómega, dizíamos, cada alma particular torna-se capaz de se expressar num acto único, onde passe, sem confusão, a pluralidade inumerável das suas percepções, das suas operações, sofrimentos e desejos. Pois bem: é para uma metamorfose análoga, mas de ordem bem superior, que parece dirigir-se a soma das energias elementares que constituem a massa global da Energia Humana. – Seguimos, no indivíduo, a recolha gradual das emoções, das aspirações, dos actos, numa operação "sui generis", inexprimível, que é todas estas coisas ao mesmo tempo e ainda qualquer coisa mais. É o mesmo fenómeno, a uma escala incomparavelmente maior, que tende a continuar, sob a mesma influência de Ómega, no conjunto do Pensamento terrestre. E com efeito, toda a Humanidade agindo e sofrendo, ao mesmo tempo, na superficialidade das suas tentativas, o Centro para o qual ela converge: – um mesmo fluido passional, percorrendo e religando, a cada instante, a livre diversidade das atitudes, dos pontos de vista, dos esforços representados no Universo, cada um por um elemento particular da Miríade humana; – a multiplicidade, levada à sua plenitude, das oposições individuais, harmonizando-se na simplicidade profunda dum só desejo: que é isto senão a génese dum *acto colectivo e único*, no qual, sob a única forma concebível dum amor, se realizariam, ao aproximar da sua maturação, isto

é, da sua confluência final, as potências de personalidade incluídas na Noosfera?

A totalização, num amor total, da Energia Humana total.

O ideal entrevisto em sonho pelos técnicos da Terra.

Eis, psicologicamente, o que o amor pode fazer, se levado a um grau universal!

Mas tenderá este prodígio a realizar-se *realmente*?

Se sim, alguns traços desta prodigiosa transformação devem ser perceptíveis na História. – Poderemos nós reconhecê-los? Eis o que me falta pesquisar e mostrar.

2. O amor, produto histórico da Evolução humana

A análise antes apresentada do poder sintetizador do amor, em matéria de vida interior, não foi feita – nem podia sê-lo – sem que tivéssemos um modelo diante dos olhos!

Aonde existe, na Natureza actual, uma primeira aproximação do acto total com que parecemos sonhar?

Em nenhum lugar tão claramente, quer-me parecer, como no acto de caridade cristã, tal como pode praticá-lo um crente moderno, para quem a

criação se tornou exprimível em termos de Evolução. Aos olhos dum tal crente, a história do mundo apresenta-se como uma vasta cosmogénese, no decurso da qual todas as fibras do real convergem, sem se confundir, num Cristo ao mesmo tempo pessoal e universal. Rigorosamente e sem metáfora, o cristão que compreende, ao mesmo tempo, a essência do seu Credo e as ligações espacio-temporais da Natureza, encontra-se na feliz situação de poder, por toda a variedade das suas operações, e em união com a multidão dos outros homens, passar para um gesto único de comunhão.

Quer viva quer morra, pela sua vida e pela sua morte, ele consome, de algum modo, o seu Deus, ao mesmo tempo que é por Ele dominado.

Em suma, perfeitamente comparável ao ponto Ómega que a nossa teoria fazia prever, o Cristo – desde que seja descoberto no pleno realismo da sua Incarnação – tende a produzir exactamente a totalização espiritual que esperávamos.

Em si, a existência, mesmo destacada dum estado de consciência dotado de semelhante riqueza, traria, sendo bem constatado, uma sólida verificação das perspectivas que acabámos de expor sobre a natureza última da Energia humana. Mas é possível levar muito mais longe a demonstração, observando que a aparição, no Homem, do Amor de Deus, compreendido com a plenitude com que aqui o consideramos, não é um simples acidente

esporádico, mas apresenta-se como o produto regular duma longa evolução.[9]

[9] *L'Énergie humaine*, Oeuvres, t. 6, 161 a 162 e 179 a 193 (Éditions du Seuil).

7.
O Amor-Energia

Do amor não consideramos, habitualmente (e mesmo em análises com algum refinamento!) senão a face sentimental: as alegrias e as penas que nos causa. É no seu dinamismo natural e no seu significado evolutivo que me vejo conduzido a estudá-lo aqui, a fim de determinar as fases últimas do Fenómeno humano.

Considerado na sua plena realidade biológica, o amor (quer dizer a afinidade do ser pelo ser) não é exclusiva do homem. Representa uma propriedade geral de toda a Vida, e como tal, desposa, com variedades e gradações, todas as formas tomadas sucessivamente pela matéria organizada. Nos Mamíferos, muito próximos de nós, reconhecemo-lo facilmente, com as suas modalidades diversas: paixão sexual, instinto paternal ou maternal, solidariedade social, etc. Mais longe ou mais baixo na Árvore da Vida, as analogias são menos claras. E elas atenuam-se até se tornarem imperceptíveis. Mas é aqui o lugar de repetir o que eu dizia do "Por dentro das Coisas". Se num estádio prodigio-

samente rudimentar, sem dúvida, mas já nascente, não existisse uma certa propensão interna para se unir, até mesmo na molécula, era fisicamente impossível ao amor o aparecer, mais adiante, em nós, no estádio hominizado.

Em princípio, para constatar com certeza, a sua presença entre nós, devemos supô-la, pelo menos incoactiva, em tudo o que existe. E na verdade observando à nossa volta a ascensão confluente das consciências vemos que ele nunca está ausente! Platão já o tinha sentido, e exprimiu-o de modo imortal nos seus Diálogos. Mais tarde, com pensadores como Nicolau de Cusa, a filosofia da Idade Média voltou, tecnicamente, à mesma ideia. Sob as forças do amor são os fragmentos do Mundo que se procuram, para que o Mundo aconteça. Aqui, não há qualquer metáfora – e há muito mais do que poesia. Quer seja força ou curvatura, a universal gravidade dos corpos, que tanto nos impressiona, não é mais do que reverso ou a sombra do que move realmente a Natureza. Para vislumbrar a energia cósmica "fontal" é preciso, se as Coisas têm um "por dentro", descer à zona interior ou radial das atracções espirituais.

O amor, com todos os seus cambiantes, não é outra coisa nem nada menos que o rasto, mais ou menos directo, assinalado no coração de cada elemento, pela Convergência psíquica do Universo sobre si mesmo.

E não estará aí, se não me engano, o traço de luz que pode ajudar-nos a ver mais claro à nossa volta?

Sofremos e inquietamo-nos, constatando que as tentativas modernas de colectivização humana não desembocam, contrariamente às previsões da teoria e às nossas expectativas, senão num rebaixamento e numa escravatura das consciências. – Mas que caminho teremos tomado até agora para nos unificar? Uma situação material a defender. Um novo domínio industrial a abrir. Condições melhores para uma classe social ou para nações desfavorecidas... Eis os únicos e medíocres territórios em que até agora tentámos aproximar-nos.

Quem pode espantar-se, se à semelhança das sociedades animais, nós nos mecanizamos, pelo jogo mesmo da nossa associação!

Até no acto supremamente intelectual de edificar a Ciência (pelo menos durante o tempo em que permanece puramente especulativo e abstracto) o impacto das nossas almas não se opera senão obliquamente e como que enviesado. Contacto ainda superficial, – daí o perigo duma nova servidão...

Só o amor, porque só ele toma e alcança os seres pelo mais fundo de si mesmos, – tal como nos mostra a experiência quotidiana – é capaz de completar os seres, enquanto seres, reunindo-os. Com efeito, em que minuto dois amantes atingem

a plena posse de si mesmos senão naquele em que um no outro se dizem perdidos? Na verdade o gesto mágico, o gesto considerado contraditório, de "personalizar" totalizando, não o realiza o amor a cada instante, no casal, na equipa, à nossa roda? E o que ele realiza, quotidianamente, numa escala reduzida, porque não o há-de repetir um dia à escala da Terra, das suas dimensões?

A Humanidade; o Espírito da Terra; a Síntese dos indivíduos e dos povos; a Conciliação paradoxal do Elemento e do Todo, do Uno e do Múltiplo: para que essas coisas ditas utópicas, e contudo biologicamente necessárias, tomem corpo no mundo, não bastará imaginar que o nosso poder de amar se desenvolve até ao ponto de abraçar a totalidade dos homens e da Terra?

Ora, dirá alguém, não é justamente esse o ponto em que se está a pôr o dedo sobre o impossível?

Não é verdade que tudo o que pode fazer um homem é dar a sua afeição a algum ou a raros seres humanos? Para além disso, num âmbito mais vasto, o coração não alcança, e não fica senão lugar para a fria justiça e a fria razão. Tudo e todos amar: gesto contraditório e falso, que no fundo conduz a não se amar ninguém!

Mas então, responderei: se, como pretendem, um amor universal é impossível, que significa então, nos nossos corações, este instinto irresistível

que nos conduz para a Unidade, cada vez que, numa direcção qualquer, a nossa paixão se exalta? Sentido do Universo, sentido do Todo: face à Natureza, diante da Beleza, na Música, a nostalgia que nos toma – a expectação e o sentimento duma grande Presença. Fora das "místicas" e dos seus analistas, como foi possível que a psicologia tenha podido negligenciar tanto esta vibração fundamental, cujo timbre para um ouvido exercitado, se distingue na base ou antes, talvez, no auge de qualquer grande emoção? Ressonância ao Todo: nota essencial da Poesia pura e da pura Religião. Uma vez mais: que revela este fenómeno, nascido com o Pensamento e com ele crescendo, senão uma concordância profunda entre duas realidades que se procuram: a parcela separada que estremece à aproximação do Resto?

Com o amor do homem pela mulher, pelos filhos, pelos amigos, e até certo ponto, pelo seu país, imaginávamos, frequentemente, ter esgotado as diversas formas naturais de amar. Ora desta lista está, precisamente, ausente a forma de paixão mais fundamental: a que precipita, um no outro, sob a pressão dum Universo que se fecha, os elementos no Todo. A afinidade, e seguidamente o sentido cósmico.

Um amor universal: não somente é realidade psicologicamente possível; mas é ainda, a única maneira completa e acabada de amar.

E agora, estabelecido este ponto, como explicar que sempre e cada vez mais, na aparência, nós vejamos aumentar à nossa roda, a repulsa e o ódio? Se uma virtualidade tão poderosa nos assalta do interior, em ordem à união, que espera ela para passar a acto?

Isto, sem dúvida, e muito simplesmente: que superando o complexo "antipersonalista", que nos paralisa, nos decidamos a aceitar a possibilidade, a realidade, de algum Amante e Amável no ápice do Mundo, acima das nossas cabeças. Na medida em que ele absorve ou parece absorver a pessoa, o Colectivo mata o Amor que queria viver. Enquanto tal, o Colectivo é essencialmente não amável. Eis onde naufragam as filantropias! O bom senso tem razão. É impossível dar-se ao Número Anónimo. Bem ao contrário: que o Universo tome a dianteira para nós, com um rosto e um coração, que ele se personalize, se assim podemos dizer. E imediatamente, na atmosfera criada por este Lar, as atracções elementares poderão desabrochar. E então, sem dúvida, sob a pressão forçada duma terra que se fecha, explodirão as formidáveis energias de atracção ainda adormecidas entre moléculas humanas.

Ao nosso sentido do Mundo, ao nosso sentido da Terra, ao nosso sentido humano, as descobertas feitas desde há um século trouxeram, pelas suas perspectivas unitárias, um novo e decisivo

impulso. Daí o sobressalto dos panteísmos modernos. Mas este impulso nada mais fará do que mergulhar-nos de novo, na supermatéria, se não nos conduzir a alguém!

Para que o fracasso que nos ameaça se transforme em sucesso – para que se opere a conspiração das mónadas humanas, – é necessário e basta que prolongando a nossa ciência até aos seus limites, reconheçamos e aceitemos como necessários para fechar e equilibrar o Espaço-Tempo, não apenas qualquer vaga existência a vir, mas ainda – e quero insistir sobre este ponto – a realidade e a expansão *já actuais* deste misterioso Centro dos nossos centros, que designei por Ómega![10]

[10] *Le Phenomène humain,* Oeuvres, t. 1, p. 293 a 298 (Éditions du Seuil)